



Gianmarco Soares de Vargas

**JORNALISMO INTERNACIONAL ESPORTIVO: O
TRABALHO DE ENVIADOS ESPECIAIS NA COBERTURA
DOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO 2021**

Santa Maria, RS

2021

Gianmarco Soares de Vargas

**JORNALISMO INTERNACIONAL ESPORTIVO: O
TRABALHO DE ENVIADOS ESPECIAIS NA COBERTURA
DOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO 2021**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista – Bacharel em Comunicação Social Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Me. Gláise Bohrer Palma

Santa Maria, RS

2021

Gianmarco Soares de Vargas

**JORNALISMO INTERNACIONAL ESPORTIVO: O
TRABALHO DE ENVIADOS ESPECIAIS NA COBERTURA
DOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO 2021**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado ao Curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais, da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista - Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Gláise Bohrer Palma - Orientadora (UFN)

Prof^ª. Dra. Sibila Rocha – Avaliadora (UFN)

Prof. Ms. Carlos Alberto Badke – Avaliador (UFN)

Aprovada em ___/___/2021.

AGRADECIMENTOS

Parece que foi ontem. Aos meus 18 anos, ingressei no curso de Jornalismo da Universidade Franciscana, ainda sem conhecer ninguém, prestes a me familiarizar com um novo estilo de atuação acadêmica. Concluí o meu Ensino Médio em 2016, aos meus 17 anos, no Colégio Marista Sant'Ana, em Uruguaiana, achando que tinha certeza do curso que eu queria. No mesmo ano, quatro aprovações diretas no vestibular, sem qualquer preparação de cursinhos pré-vestibulares. Época que só quem estava lá conheceu as barreiras que consegui vencer, com a ajuda daqueles que me amam. Pessoas que me auxiliaram no autoconhecimento e puderam celebrar comigo cada um dos resultados finais.

Foi abrupto... de uma aprovação em Direito na PUC, à Ciências da Computação na Universidade Franciscana (UFN), UNIFRA na época, à Sistemas de Informação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo antigo processo seriado, até Eletrônica Industrial na UFSM, pelo ENEM. Todas com ingresso em 2017. E após permanecer em Sistemas, até o 4º semestre, me matriculei em Jornalismo, na UFN, instituição que me possibilitou conhecer pessoas abençoadas ao longo da minha trajetória como acadêmico, assim como viver as mais incríveis experiências profissionais.

Para além de novas amigadas, a UFN me oportunizou o convívio com pessoas maravilhosas, que tornaram-se grandes amigos e estarão para sempre em minha memória. Cada um deles, parte de um grande conglomerado de ilustres personalidades que me serviram de apoio e motivação para seguir forte na busca pelo meu sonho como jornalista.

Primeiramente, não posso deixar de mencionar meu sentimento de gratidão a Deus, pelo dom da vida, da graça e pelas bênçãos, as quais me apeguei para seguir forte junto do equilíbrio harmônico de Suas energias. Ele sempre mostrou-me a força da fé, e através desta, a garra e persistência sempre foram as melhores escolhas diante de qualquer obstáculo encontrado em minha vida.

Um agradecimento mais que especial aos meus pais, Jorge e Eliana de Vargas, pelo apoio incondicional e por sempre terem estado ao meu lado, incentivando e mostrando por meio da ética e moralidade, os verdadeiros princípios e virtudes de um ser humano. Mãe e Pai, o meu muito obrigado por nunca terem medido esforços para me ver feliz e estarem comigo prestigiando as mais diversas experiências, junto de um caminho repleto de virtudes e

moralidade no âmbito profissional, familiar e pessoal. Obrigado pelos esforços, por me instruírem a ser uma pessoa esforçada, que luta pelas ambições com foco e dignidade, levando sempre o zelo pela vida à Deus, acima de tudo! Meus eterna gratidão por todos investimentos e por sempre terem confiado em mim. Ademais, agradeço também a toda a minha família: tios, tias, primos e primas, que por meio do acolhimento, carinho e amor, sempre estiveram presentes e com a mão estendida para me ajudarem. À tia Sandra, gratidão por ter sido minha grande incentivadora, para que eu optasse pelo curso de jornalismo, momento em que as dúvidas se faziam presentes em minha mente. Meus queridos e eternos avós paternos e maternos, jamais deixaria de mencionar vocês. Obrigado a vocês, pelo carinho e cuidado de sempre, pessoas que me viram crescer e puderam compartilhar comigo os mais calorosos momentos. Levo-os comigo em meu coração para onde quer que eu esteja.

Manifestação de imensa gratidão ao grande amigo Nelson Santos, que com sua contribuição valiosa, ajudou-me a fazer descobertas que me oportunizaram abrir as portas para que eu pudesse trilhar a trajetória da vida.

Gostaria de deixar registrado também, minha gratidão pelos anos de amizade junto de pessoas que fizeram parte da minha formação, com quem pude compartilhar momentos maravilhosos. De Uruguaiana: Lorenzo C, João Víctor, Bernard e Kadu. Em Santa Maria: Geovane, Felipe, Larissa, Henrique, Marquezine, Bianca, Giovanni e Lorenzo A. E na UFN, aos colegas e parceiros: Pablo, Avello, Matheus J, Assis, Kauan, Wellerson, Leonardo, João M, Lucas, Patrício e Vinicius. Torço imensamente pela felicidade, êxito e sucesso de cada um de vocês!

Deixo também meu carinho à minha namorada, Thalia, que amo, prezo e zelo com muito carinho, por toda força e companheirismo de cada dia que passamos até aqui. Sou imensamente grato por ter tido a oportunidade de compartilhar vivências inesquecíveis da minha graduação ao seu lado! É uma das tantas memórias que ainda estão por vir! Te amo!

Para chegar até aqui, cada passo foi essencial. Do fundo do coração, agradeço ao Colégio Marista Sant'Ana, de Uruguaiana, por todos os incentivos e ensinamentos, como pilares do compromisso institucional na formação de cada indivíduo! Todos vocês fazem parte disso: professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, funcionários e coordenação geral. Tenho orgulho de poder ter feito parte desta história.

Igualmente, de maneira muito especial, respeitosa e simbólica, meus cumprimentos aos professores universitários que fizeram parte da minha trajetória como acadêmico, desde à coordenação e corpo docente do curso de Jornalismo, até os funcionários com quem tive o privilégio de encontrar pelos corredores.

Vale ressaltar meu sentimento de gratidão à minha orientadora do Trabalho Final de Graduação (TFG), Gláise Palma, que me auxiliou e impulsionou na construção deste projeto, ao longo de tantos dias em meio às minhas produções. Um muito obrigado fraterno ao meu professor, referência profissional e eterno tutor universitário, Bebeto Badke, que me inspirou e auxiliou imensamente desde que ingressei no curso, em todos os âmbitos da minha trajetória universitária, colaborando de todas as maneiras na minha formação. O cara responsável por me alçar uma das mais importantes e indescritíveis experiências de minha caminhada: ter estudado Jornalismo na University of British Columbia (UBC), em Vancouver, onde pude criar e manter amigos importantíssimos até hoje, situados em diferentes localidades do mundo.

Deixo o meu sentimento de gratidão aos meus queridos docentes: Maurício Dias, Carla Torres e Neli Mombelli, pessoas que da mesma maneira que os outros professores, confiaram no meu potencial e me possibilitaram trabalhar como monitor e voluntário no: Laboratório de Jornalismo Multimídia (Multijor); Laboratório de Produção Radiofônica (LAPRA); e Laboratório de Produção Audiovisual (LAPROA), respectivamente. Setores estes onde tive o privilégio de conviver com seres humanos fantásticos: Clenilson Oliveira, Emanuelle da Rosa e Alan Carrion, que sempre estiveram com a mão estendida para me dar suporte no que fosse necessário, com alegria e sorriso no rosto.

O meu muito obrigado também, à professora e coordenadora do curso, Sione Gomes, e aos docentes: Sibila Rocha, Iuri Lammel, Laura Fabrício, Rosana Zucolo e Alexandre Maccari, que me possibilitaram a autodescoberta em diferentes campos de atuação profissional, com conhecimentos fundamentais em uma trajetória de comunicação. Responsáveis por me apresentarem campos desta tão sonhada profissão, que eu não tinha noção que compartilharia tamanho gosto e interesse! Agradeço também à toda equipe de técnicos da Universidade e à Rádio Web UFN, onde pude passar muitos de meus dias atuando no setor radiofônico da universidade.

Além das experiências acadêmicas, os estágios foram momentos que me alavancaram novos voos. Minha eterna gratidão a estas pessoas que, em hipótese alguma, eu poderia deixar de mencionar: Carina Bohnert, Marquinhos Barcellos, Carlos Spall e Pablo Milani, respectivamente ligados à Assessoria de Comunicação UFN, Rádio Medianeira 102.7 e Jornal Digital Terra Fofa Online, onde pude estagiar e ganhar uma experiência indescritível. Deixo aqui meus cumprimentos por terem me aberto as portas, confiado no meu trabalho e me permitindo desenvolver minhas habilidades e noções profissionais desde cedo. Um fraterno abraço também, a todos colegas que tive em cada um destes setores.

Há, igualmente, inúmeros outros profissionais que fizeram parte desta trajetória. Eu não poderia deixar de citar: Lorenzo Franchi - jornalista que mesmo formado, sempre me ajudou muito nas minhas escolhas; Carina Ávila e Denise Odorissi - jornalistas exemplares, atenciosas e queridas, de um coração imenso e que admiro muito (minhas primeiras entrevistas com correspondentes internacionais, no meu projeto pessoal de lives no Instagram); Thiago Suman, Ramiro Ruschel e Daniel de Oliveira - personalidades renomadas do jornalismo e da narração futebolística, assim como professores de locução, sempre dispostos a ajudar no que precisei; Carlos Gil e Thiago Kansler - repórteres que estiveram em Tóquio na cobertura dos Jogos Olímpicos, e que se mostraram super atenciosos e prestativos para me ajudar com meu TFG; Tino Marcos, jornalista que tive a honra de ter como professor, em um dos cursos mais importantes que prestei durante a pandemia. Além destes, um agradecimento especial a Carlos Eduardo de Sá e Cláudio Francioni - docentes em cursos prestados por mim. Fora do campo jornalístico, os meus sinceros reconhecimentos a: Mário Godoy, Ricardo Brandt, Fabio Baldaço, Lucas Damilano e Gustavo Lande, por terem participado das minhas entrevistas no meu projeto pessoal, o qual me auxiliou a seguir desenvolvendo minhas habilidades durante o período pandêmico.

Da mesma maneira, agradeço pela maravilhosa e inigualável experiência em poder ter feito parte ao longo destes anos: do Conselho Universitário (CONSUN); Colegiado do Curso de Jornalismo; Comissão Própria de Avaliação (CPA); e Comissão de Ensino, Pesquisa, Extensão, Legislação e Gestão. Grupos aos quais eu profiro honra, respeito e admiração pelos excelentes trabalhos e oportunidades de integração junto de cada reunião. Agradeço a professora e coordenadora do curso de Jornalismo, Sione Gomes, à reitora e professora irmã

Irani Rupolo, assim como a cada integrante do Consun, pelo incentivo, recepção, acolhimento e confiança diante do meu potencial.

Além de toda vivência acadêmica, já em final de graduação, quero deixar um abraço especial ao Iremar Charopem, porta de entrada para que eu pudesse realizar a cobertura da 7ª edição da Copa do Mundo de Amadores, no Rio de Janeiro, concomitantemente com meu 8º semestre de graduação. Obrigado, igualmente, ao Héctor, capitão do Fluminense F.C. Rivera (URU), bem como a cada atleta da equipe, a qual acompanhei de perto ao longo da competição, como minha maior experiência de cobertura jornalística esportiva até então. Minha gratidão ao ex-gerente de futebol, Bris Belga, hoje organizador do evento junto de Gustavo Lande. Duas pessoas as quais eu agradeço a oportunidade, recepção e acolhida.

Todas estas experiências só foram possíveis graças à UFN! Universidade que sempre me abraçou e mostrou os valores éticos de uma profissão tão renomada, importante e valiosa nos nossos dias! Estarei sempre disposto a ajudar e retornar a esta casa, de modo a retribuir toda formação e excelência repassada. Tenho imenso orgulho em poder ter feito parte desta instituição. A todos... **ESSA É A NOSSA CONQUISTA!** A tão sonhada hora chegou, rumo a novos passos e vivências nesta tão amada profissão. **ENFIM, JORNALISTA!**

RESUMO

O presente estudo de caso tem como objetivo analisar o trabalho de jornalistas esportivos na cobertura de um evento em âmbito internacional a partir dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, pelas emissoras de televisão nacionais, BandSports e SporTV. Como objeto de avaliação, as Olimpíadas são utilizadas para compreender o problema de pesquisa: como os profissionais do jornalismo esportivo de ambas emissoras sucederam suas atividades durante a Olimpíada de Tóquio? O material desenvolve-se com os objetivos específicos de destacar o modo de inserção do jornalista no setor internacional de esportes, os encargos deste profissional e compreender o quanto a questão da pandemia modificou o método de trabalho. Como embasamento teórico, são utilizados autores, como: Coelho, Ribeiro, Agnez, Wolff, Barbosa, Andrade e Rodrigues. Já como método de pesquisa: Bardin, Gil, Duarte e Barros. Ao final das análises constatou-se que a cobertura das Olimpíadas ocorreu desde produções televisivas até outras exclusivas na rede social. Ambos estilos, adaptados de diversas formas a fim de superar as limitações acarretadas pela pandemia.

Palavras-chave: BandSports; Correspondentes Internacionais; Jornalismo Esportivo; Jogos Olímpicos; SporTV.

ABSTRACT

The present case study gets the purpose to analyse sports journalists covering tasks among an international event, choosing as a case, the Olympic Games 2021 through SporTV and BandSports broadcasts. As an evaluation object, the Olympics will be used to understand the research problem: How did sports journalism professionals succeed in their activities during the Tokyo Olympics? The whole material is developed with the specific objectives: highlight the way in which journalists are inserted in the international sports sector; professional assignments along the covering; and find out how the pandemic has changed their work methods. As a theoretical basis authors will be used, such as: Coelho, Ribeiro, Agnez, Wolff, Barbosa, Andrade and Rodrigues. In addition, as a survey approach: Bardin, Gil, Duarte and Barros. Finally, it was figured out that Olympic coverage ranged between television productions and exclusively social media content. Both styles, adapted in different ways to overcome any limitations caused by the pandemic.

Keywords: BandSports; Foreign Correspondents; Sports Journalism; Olympic Games; SporTV.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 O SURGIMENTO DA IMPRENSA ESPORTIVA NO BRASIL	14
2.2 COBERTURAS INTERNACIONAIS: DAS ORIGENS À CONTEMPORANEIDADE	21
3. CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS ESPORTIVOS	26
3.1 TNT SPORTS	26
3.2 ESPN BRASIL	35
3.3 JORNALISMO INTERNACIONAL NO BRASIL	39
3.4 VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS DE EX-CORRESPONDENTES	41
3.5 REDE BANDEIRANTES DE COMUNICAÇÃO	45
3.6 O RADIOJORNALISMO NO MERCADO DE CORRESPONDENTES	49
3.7 PERFIS PROFISSIONAIS DE CORRESPONDENTES BRASILEIROS	52
4. PERCURSO METODOLÓGICO	55
5. ANÁLISE	59
5.1 SPORTV	59
5.2 BANDSPORTS	66
5.3 SIMILARIDADES E DIFERENÇAS	70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo internacional é considerado uma especialização do ofício jornalístico, embasado no trabalho de profissionais da comunicação na cobertura de ocorrências estrangeiras. Essa lógica de atuação divide-se em duas ocupações: os enviados especiais, que saem de um país sede, associados a um veículo nacional, apenas para desempenhar a cobertura de diferentes pautas presenciadas no exterior, com foco na elaboração de conteúdos informativos; e os correspondentes internacionais, que são jornalistas que permanecem fixos em outras nações, para cobrir possíveis eventualidades em uma determinada região continental.

Por conseguinte, o exercício destes repórteres divide-se em editorias. Entre elas, a de esportes, nicho referente à cobertura de eventos, abrangendo dezenas de modalidades. Ao levar em consideração este parâmetro, há emissoras que destinam 100% de suas atividades para o setor, ao serem compreendidas como veículos que operam exclusivamente com um tema. Entre alguns nomes, estão o SporTV e o BandSports, pertencentes aos grupos Globo e Bandeirantes de Comunicação, respectivamente. Nacionais e sediados no Brasil, ambos dedicam todo seu trabalho de produção a esportes locais e estrangeiros. Neste caso, destacam-se em sua estrutura de trabalho: produtores, repórteres, comentaristas e apresentadores identificados com o assunto.

Por meio destes conceitos, um estudo de caso foi realizado acerca dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, com o propósito de analisar a rotina de trabalho dos jornalistas esportivos do Brasil, enviados pelas emissoras SporTV e BandSports na cobertura da competição, junto aos protocolos de saúde frente à pandemia de Covid-19. No decorrer da pesquisa, análises e entrevistas foram usadas para compreender o problema: como os profissionais do jornalismo esportivo de ambas emissoras sucederam suas atividades durante a Olimpíada de Tóquio? O material desenvolve-se com os objetivos específicos de entender o modo de inserção destes comunicadores no setor internacional de esportes, destacar os seus encargos e compreender o quanto a questão da pandemia modificou seus métodos de trabalho.

Optou-se pela referida temática, em razão do autor estabelecer familiaridade com o esporte e com o jornalismo internacional. Também foi considerada a percepção de que há poucos materiais que retratem as inúmeras características da realidade deste profissional, responsável pela apuração e produção de notícias estrangeiras direcionadas à esfera

desportiva. Em meio à consulta de temas próximos ao que foi discorrido, localizou-se a tese de doutorado de Luciane Agnez, publicada em 2014, pela Universidade de Brasília. A autora fala a respeito do tema “Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais”. Nela, consta a avaliação da estrutura identitária dos correspondentes internacionais brasileiros e o conhecimento de seus percursos de trabalho nas últimas décadas a partir de seus próprios pontos de vista.

Já na presente pesquisa foi construído um estudo de caso inédito, com base na rotina de correspondentes e enviados especiais, para que sirva de fonte de consulta para o campo comunicacional, bem como esclarecimento a futuros jornalistas que almejam seguir a carreira. Para isto, são mencionados autores como Paulo Vinícius Coelho, André Ribeiro, Luciane Agnez, Mauro Wolff, Igor Andrade, Léo Nicolini e Felipe Rodrigues, perante os conceitos ligados: ao jornalismo esportivo; aos enviados internacionais e correspondentes vinculados aos canais SporTV e BandSports; ao papel destes profissionais durante o acompanhamento de um campeonato internacional; e aos dados sobre o histórico dos veículos SporTV e BandSports no setor de notícias no Brasil.

Com caráter qualitativo, a metodologia do estudo de caso (BARROS; DUARTE, 2009) ocorre a partir da avaliação do trabalho dos jornalistas do SporTV e do BandSports, enviados a Tóquio para a cobertura dos Jogos Olímpicos. Buscou-se também realizar entrevistas estruturadas e semi-estruturadas (GIL, 2009) com alguns destes repórteres, a fim de obter depoimentos que pudessem esclarecer o objetivo da pesquisa.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 O Surgimento da imprensa esportiva no Brasil

Com o passar dos anos, o jornalismo brasileiro presenciou grandes mudanças no fazer notícia. A disputa entre editorias e as diferentes formas de apuração e construção informativa, criaram novos métodos de relação para os profissionais do setor lidarem com o público. Coelho (2003) enaltece o valor notícia ao relacioná-lo com o esporte, quando o mesmo passava por tentativas de desenvolvimento logo no início do século XX, em um cenário que ainda era pouco permeado pelo tema.

Sobre os obstáculos presenciados pela imprensa, Coelho destaca:

O jovem repórter deve estar ciente, no entanto, de que especializar-se em esportes é um caminho árduo. Não é a carreira que, na média, oferece melhor remuneração - o jornalista esportivo raramente alcança os patamares dos colegas que cobrem política ou economia. O prestígio, igualmente, não é dos maiores. A editoria é frequentemente tida como a menos nobre de um jornal e costuma ser a primeira da fila na hora dos cortes e redução de despesas. Até mesmo o público costuma colocar em dúvida o esforço daqueles que cobrem esportes, frequentemente tachados de “palpiteiros”. (COELHO, 2003, orelha do livro)

Embora hoje a editoria de esportes adote habilidades como requisitos para a empregabilidade, ela já priorizou em outros anos, comunicadores que soubessem trabalhar com a emoção. Além das elaborações informativas, havia um grande espaço para as crônicas, principalmente até a metade do século XX. Narrativa que abrangeu como protagonistas: Mário Filho e Nelson Rodrigues. Este último, fundador do *Jornal dos Sports*, considerado o primeiro diário dedicado ao assunto no país, em meados de 1930. O trabalho com as crônicas acompanhou os passos do futebol até o final da década de 1970. A emoção e o detalhismo descritivo em diferentes partidas conquistava, além do público, periódicos promissores que engajaram-se com pautas ligadas à seleção brasileira e ao futebol carioca. É claro que, assim como o papel do jornalista deve manter o equilíbrio entre o tom emotivo e o entretenimento, ele jamais poderá esquecer da razão e da seriedade, auxiliadoras na corrente de credibilidade entre fonte e público.

Contudo, Coelho (2003) evidencia que o drama presente nas crônicas esportivas era inigualável, responsável por um retoque de sentimento e suspense, que dava ao leitor o gosto

de acompanhar o futebol. Nelson Rodrigues foi intitulado como um dos principais cronistas da época, capaz de transcrever em drama e poesia o que seus olhos presenciavam nos estádios. De fato, os textos enriqueciam as páginas dos jornais em que escrevia. Coelho (2003) revela a forte influência das crônicas, em especial sobre a seleção brasileira nos anos de 1958, 1959 e 1970. Em algumas, a imprecisão se tornava algo rotineiro, às vezes por uma falta de atenção em um lance ou a confusão com os números e nomes de atletas. A partir de 1970, a imprensa tornou o método de apuração mais comprometido com os dados, o que corroborou com o desmanche das principais características componentes das crônicas esportivas.

A impressão diminuiu bastante nas páginas dos anos 1970 em diante, graças ao compromisso da imprensa de contar a verdade. A maneira como o *Jornal da Tarde*, em São Paulo, fazia jornalismo, ajudou a excluir o mito. O resultado é, muitas vezes, uma crônica tão desprovida de paixão que é capaz de jogar na vala comum atletas que certamente já merecem lugar na história. Gente como Rivaldo, Ronaldo, Romário, Bebeto, Dunga. Gente que deu ao país o quarto e quinto títulos mundiais, e que jamais foi tratada com a reverência dedicada aos campeões de 1958, 1962 e 1970. (COELHO, 2003, p.19)

Entre os anos de 1961 e 1965, o jornalismo brasileiro presenciou desde criações de veículos de comunicação direcionados ao esporte, até a remontagem na base de equipes de redação. A origem da *Revista do Esporte* foi considerada um dos maiores sucessos editoriais do país, indo às bancas em março de 1959. A obra foi considerada marco de confiabilidade dos fatos futebolísticos durante toda década de 1960. Por outro lado, esta etapa foi a mesma que deu início à gestão de crise de *A Gazeta Esportiva*, outra revista famosa da época. Por conseguinte, este intervalo de tempo ficou marcado por outras notoriedades, como foi o caso: das exibições de *Videotapes* dos jogos da Copa do Mundo de 1962, no Chile; o surgimento da TV Excelsior; a criação do caderno *O Estado de S.Paulo*; e o surgimento do *Jornal da Tarde*, caderno elaborado logo após 1966. Do mesmo modo, o Prêmio Esso, considerado o "oscar do jornalismo brasileiro", congratulou, em 1968, Vital Bataglia e Hedyll Valle Jr., pela série de sete reportagens sobre denúncias contra árbitros de futebol. A produção apimentou os bastidores ao ser idealizada por meses, para detalhar como agia um "juiz ladrão", em esquemas de corrupção com a arbitragem brasileira (RIBEIRO, 2007). Até 1970, mesmo que ocorrências abruptas e tristes tenham acontecido, como o incêndio na TV Record, com a perda de vários registros sobre a história do futebol, outros momentos importantes deram o

primeiro passo para o sucesso. Entre eles, o surgimento de respeitáveis nomes do radiojornalismo esportivo na Jovem Pan e da primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo pela televisão brasileira, na edição de 1970, no México, para 700 milhões de pessoas. Ribeiro (2007) destaca o diretor da TV Globo, Walter Clark, como principal negociador e responsável pelo feito.

Após 1970, as ações dos comunicadores passaram a ganhar maior valor e os diários esportivos ocuparam grandes jornais da época. Informação ressaltada por Coelho (2003), que menciona nomes como *Fanfulla* (1910), *O Imparcial* (1912) e a *Revista do Esporte* (1959), como referências que fizeram história com suas notas e narrativas futebolísticas, mesmo não permanecendo por muito tempo em atividade. Segundo Ribeiro (2007), outra marca na década foi a formação da primeira equipe feminina no esporte, com a *Rádio Mulher*, tentativa de quebra do preconceito da imprensa no rádio e na tv nacional. A sugestão partiu do proprietário Roberto Montoro, que optou por criar um grupo formado apenas por mulheres. De acordo com Ribeiro (2007), as integrantes eram: Zuleide Dias (narradora); Jurema Iara e Leilá Silveira (comentaristas); a juíza Lea Campos (comentários de arbitragem); as locutoras Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral (equipe de reportagem); Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro (plantão).

A década também recebeu as mais novas regras da época, impostas pela FIFA (Federação Internacional do Futebol) nas partidas de Copa do Mundo: possibilidade de realizar duas substituições por jogo no torneio, durante a Copa de 70; e a implementação dos cartões amarelo e vermelho para infrações. Foi um período presenteado com criações jornalísticas, esportivas e revoluções da imprensa, junto à inovação dos meios de comunicação, como foi o caso da primeira transmissão televisiva em cores. E não refere-se à Copa de 70, com a pioneira cobertura mundial ao vivo. Trata-se de 1972, data lembrada pela primeira reprodução audiovisual em cores do Brasil, na Festa da Uva em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul). Ainda, no mesmo ano, o primeiro jogo de futebol em cores na TV brasileira também teve sua marca histórica, quando Grêmio e Caxias se enfrentaram em Porto Alegre, com a narração de Luiz Mendes, da TV Rio.

O final da década ficou marcado também com as coberturas esportivas de rádios em diversas capitais do país. Nomes como *Globo*, *Jovem Pan*, *Tupi*, *Record* e *Bandeirantes*, estavam entre as mais tradicionais, sem mencionar a *Difusora* e a *Capital*. Para Coelho (2003), o rádio era considerado um excelente método de ingresso ao mercado, assim como um

bom nicho para quem almejava falar de esportes. Ele frisa que os salários nunca foram o ponto forte, e que com o passar do tempo, a área veio a se desvirtuar dos demais setores jornalísticos, no que diz respeito ao “bom emprego”. Justificativa sustentada pelo autor, que coloca o veículo, atualmente, como disseminador de informações exclusivas sobre futebol, deixando outros aspectos de lado.

Todavia, em meio a grandes feitos registrados no cenário esportivo no final da década, houve a maior viabilidade do exercício de imprensa para o público feminino. A luta contra o machismo, recorrente até os dias de hoje, começou a tomar força a partir dos anos 1980. Mas, foram 15 anos depois que as mulheres começaram a assumir a chefia de redações. Um exemplo foi Isabel Tanese, comandante do caderno *O Estado de S. Paulo*, após o afastamento de Roberto Benevides, pouco antes da Copa do Mundo de 1998. O autor explica que o preconceito contra a atuação do gênero na editoria foi muito maior no passado, embora ainda repercuta atualmente: “Pode-se dizer que as redações de esporte do país têm em torno de 10% de mulheres. Isso já provocou mais preconceito no passado do que hoje em dia. Nos velhos tempos”. (COELHO, 2003, p.35).

Com o decorrer das décadas, novos métodos de atuação se massificaram, entre eles: repórteres de campo, cinegrafistas, correspondentes e apresentadores de programas televisivos. Até os anos 2000, a informação passou a perder o teor emotivo, deixando-o especialmente para artigos de opinião. Os textos começaram a refletir uma metodologia mais séria de escrita, que transformou o modo com que as pessoas passaram a consumir este tipo de conteúdo. No começo dos anos 2000, as redações dos mais variados sites de esportes pipocavam com temáticas voltadas ao futebol, tênis, judô e automobilismo. Modalidades que até o fim dos anos 90, repercutiram frequentemente nas redes, diante do advento da era digital, onde jornais *online* competiam com os impressos. Novas estruturas de notícias foram surgindo, juntamente de profissionais com diferentes funções que eram integrados às redações.

Para Coelho (2003), foi uma época em que presenciou-se a saída de muitos jornalistas de várias empresas. Para ele, o “boom” da *internet* os deixou fora do mercado, impossibilitando a alguns, o retorno à editoria de esportes. “Os jornais substituíram funcionários caros por outros com salários mais baixos”, explica Coelho (2003, p.26). A partir dali, consagraram-se quatro veículos com maior influência no país: *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, no Sudeste; e *Zero Hora*, no Sul.

Contudo, a *internet* junto de seu amplo acesso, capaz de disseminar um maior número de categorias noticiosas simultaneamente, facilitou o consumo de dados referente a outras modalidades. Por um bom tempo, ‘futebol’ foi sinônimo de ‘esporte’. Atribuição errônea, que cega os contos e marcas de competidores que foram destaques nacionais. Ex-atletas e atletas como: Ayrton Senna (automobilismo); Gustavo Kuerten e Maria Esther Bueno (tênis); Jaqueline Silva e Sandra Pires (vôlei de praia); João Derly e Sarah Menezes (judô); Cesar Cielo (natação); Vanderlei Cordeiro (maratona); e Arthur Zanetti (ginástica), estão entre os ídolos brasileiros que marcaram a história até os Jogos Olímpicos de 2016. Comprovações que mostram o desporto muito além de uma só estilo, ao contrário da expressão “País do Futebol”, nome que por si só, já descreve a maior paixão do brasileiro. Porém, essa não é justificativa para sobressair uma às demais modalidades, que inclusive, ganharam espaço local abundante, mesmo que por menos tempo. “O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis”, salienta Coelho (2003, p.38).

Frente a esta afirmação, o autor desmistifica um dos questionamentos diante da substituição dos papéis profissionais, com o encargo de funções para ex-atletas em bancadas televisivas e em equipes de cobertura: “O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô etc. Isso explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas”. (COELHO, 2003, p.21)

Outra questão relacionada ao papel dos comunicadores e o exercício da profissão, é o foco que determinadas notícias recebem, ao serem listadas nos cadernos de esporte. A partir da diferença entre as informações que o público deve saber (interesse público) e os fatos que ele quer saber (interesse do público), notam-se conteúdos que sobrepõem-se em meio a outras pautas, de modo a renderem maior audiência e/ou retorno financeiro. Fator que descredencia os considerados seis pilares do jornalismo: objetividade, credibilidade, imparcialidade, isenção e veracidade - ao não valorizar certos assuntos por sua gama de repercussão/lucro. Os cifrões acabam falando mais alto, pois temáticas de interesse pessoal que tendem a alcançar mais pessoas, conseqüentemente, apontam maior retorno monetário.

De 1980 e 1990, as opções de produção incrementaram um maior número de profissionais habilitados em diferentes departamentos, desde as redações, até os postos frente às câmeras. Período, igualmente, que marcou o ciclo em que as construções de notícias ganharam espaço em revistas e periódicos locais. Foi uma editoria que demorou para

conquistar seu lugar na grande mídia, mas que com o passar dos anos, englobou novas repartições de trabalho, dividindo-se em vários estilos de produção.

A época foi marcada pela disputa de audiência em meio às coberturas de jogos entre os canais televisivos Globo, Record e Bandeirante, além do “boom” do vôlei brasileiro e da formação de equipes para acompanharem o Brasil na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. As opções de transmissão para o mundial foram reduzidas a partir do momento em que a TV Tupi retirou-se do páreo. Sequencialmente, a disputa passou a ser entre as três emissoras citadas anteriormente, dentre as quais, a Globo se destacava pelo seu reconhecimento em coberturas esportivas - em especial na Fórmula 1 - assim como por conta de seus ilustres jornalistas, como Luciano do Valle.

Ribeiro (2007) acrescenta que, nesta oportunidade, foi uma das primeiras vezes em que a Globo foi quase superada pela Record nos índices de audiência medidos pelo Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), após fechar 40%, contra 30% da rival no Mundialito disputado pela Seleção Brasileira em 1981, no Uruguai. O marketing tornou-se um aliado das empresas de comunicação. Na Record, a primeira onda de *merchandising* nas equipes desportivas nacionais formou-se pelas mãos de Rui Brisolla. Em contrapartida, mesmo em disputa, uma união entre Record e SBT foi estabelecida, com intuito de realizarem juntas a cobertura da Copa do Mundo de 1986, no México, com a criação do slogan “Unidos Venceremos” (RIBEIRO, 2007).

A partir de 1991, a imprensa brasileira foi rodeada de diversos acontecimentos nas esferas política e esportiva, como: o contrato estabelecido entre CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e Globo, para posse dos direitos exclusivos da Seleção Brasileira; o surgimento dos canais SporTV e ESPN Brasil; o convite do ex-presidente Fernando Henrique para Juca Kfoury assumir o Ministério dos Esportes; e a ascensão tecnológica em meio às transmissões. Ademais, destacaram-se a produção do cineasta brasileiro Murilo Salles, com o filme da Copa de 1994 e o envolvimento de jornalistas da editoria na presidência e no comando como treinadores de clubes brasileiros.

Já de 1997 a 2003, o jornalismo digital passou a revolucionar o Brasil. E por falar em inovação, comenta-se, igualmente, sobre a criação do tablóide *Lance!*, idealizado por Walter Mattos Jr. que prosperou junto com o desenvolvimento do Plano Real, oportunidade ganha de bandeja para o governo da época apostar no crescimento econômico do país, em 1997. Um ano depois, pouco antes do Mundial na França, a primeira mulher assume a editoria de um

grande jornal no país. Isabel Tanese alavanca a participação feminina na profissão, principalmente no esporte, contaminado pelo machismo e preconceito ante inúmeras questões. Ela trabalhou durante três anos em *O Estado de S.Paulo*. Logo após, foi a vez de Kitty Baliero, chefe de redação da ESPN Brasil, e Sonia Francine, comentarista da mesma entidade (RIBEIRO, 2007).

Mais adiante, o autor pontua a formação das duas Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI), para “investigar os subterrâneos do futebol brasileiro”, responsáveis por indagar o contrato milionário entre Nike e CBF e as dívidas dos clubes brasileiros com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que batiam na marca de quase R\$ 200 milhões. O período foi literalmente marcado por uma balbúrdia político-administrativa, que resultou na saída de 658 atletas para o exterior, em 1999. Já na virada do século XX, modalidades nacionais prenderam-se junto ao *marketing*, quando os números do mercado bateram 110 bilhões de dólares por ano em escala global (RIBEIRO, 2007), o que fez com que as cifras no Brasil atingissem 500 milhões de dólares. O valor passou a ser acessível apenas a grandes veículos de comunicação, como a Globo que, sequencialmente, apossou-se dos direitos de transmissão da Copa de 2002, ao arcar com um montante próximo aos 400 milhões de reais.

Mas, em razão da disputa de valores e holofotes, questiona-se o porquê da imprensa ir à loucura com o domínio de todas as concessões de cobertura. Para Rodrigo Savegnago e Sérgio Carvalho (2000), a explicação plausível se chama “esporte”. Icônico e capaz de estabelecer negócios movidos pelo consumismo e satisfação do entretenimento. Ambos caracterizam o nicho como detentor de uma posição privilegiada entre o mercado e o consumidor, capaz de ter sua importância ainda mais reluzente com o tempo. Ele passou a ser considerado por muitos, um negócio, deixando de lado sua primordialidade de “entreter”. Trata-se de uma nova visão, que pode ser relacionada com as descrições abordadas ao longo deste material, ao considerar o seu desprendimento do “lúdico” e sua transformação em “produto”, nas primeiras prateleiras midiáticas.

Depois da década de 1980, o desporto passou por uma fase de modernização (SAVEGNAGO E CARVALHO, 2000), gerida de forma profissionalizante em escala mundial. Percebe-se em seus diferentes estilos, valores intrínsecos considerados adjetivos que conectam-se à credibilidade com a opinião pública, além da empatia construída via consumidor e empresa fornecedora. Por fim, o setor propagandista ganhou mais uma pérola capaz de movimentar cifrões no mercado financeiro. A boa relação do esporte com a mídia,

coopera até hoje com o lucrativo *merchandising*, capaz de atingir além de seu público alvo. Logo, observou-se o crescimento acelerado na produção de notícias sobre o tema econômico, graças à massificação linear do assunto e dos meios de comunicação, os quais unem o útil ao agradável, referente aos negócios e ao bom relacionamento com as pessoas (SAVEGNAGO E CARVALHO, 2000). Por intermédio destes detalhes, a profissão como um todo, passou a se disseminar entre outros campos de interesse, bem como criar novas funções e empregar mais pessoas.

Mais adiante, a área de correspondentes internacionais passou a ser mais explorada em território brasileiro, quando assuntos ligados a outras editorias ganharam repercussão com alto grau de factualidade. E por falar a respeito da “informação factual”, o jornalista e filósofo João Batista Natali (2007) destaca quatro temas que atuam aliados aos valores-notícia no jornalismo internacional: guerras e conflitos, eleições, epidemias e tragédias inesperadas. Afinal, não é à toa que houveram centenas de pautas produzidas sobre temas que, consequentemente, corroboraram com o emprego de profissionais identificados com estas atribuições. Mauro Wolf (1985) também aponta o manuseio jornalístico com os valores notícia, dividindo-os em quatro grupos: conteúdo, disponibilidade de material, público e concorrência. Para ele, é o conteúdo que irá constatar o grau de relevância da informação, como seguimento da hierarquização utilizada na seleção de pautas.

2.2 Coberturas internacionais: das origens à contemporaneidade

Embora antiga e formalizada nas grandes emissoras de televisão, a atuação de correspondentes no século XX, destacou-se principalmente em editoria política no decorrer dos anos. Exemplo disto é o jornalista gaúcho Alexandre Garcia, que teve sua primeira cobertura internacional durante o fechamento do Congresso uruguaio, em 1973, quando trabalhava no Jornal do Brasil. De Montevideú, foi transferido para Buenos Aires, onde cobriu a crise política argentina durante três anos. Na sequência, seguiu com experiências de reportagem internacional durante o governo Geisel, em uma viagem do até então presidente ao Japão, em 1976. Período que consolidou seus 10 anos de serviço no Jornal do Brasil. Garcia seguiu no ramo internacional até 1983, ainda funcionário da TV Manchete, em

Brasília. Empresa pela qual exerceu a cobertura das Guerras do Líbano, das Malvinas, de Angola e da Namíbia, antes de integrar o grupo Globo, em 1980.

Por outro lado, com exemplos mais recentes, estão as jornalistas Denise Odorissi (Londres) e Núria Saldanha (Washington), correspondentes da CNN Brasil, e Rodrigo Carvalho (Londres), da GloboNews. Nomes que exibem um modelo distinto de operações internacionais. Assim como Garcia, eles levam consigo um vasto currículo de experiências e passagens por inúmeros veículos de comunicação, prévios ao mercado internacional.

Desde sua chegada na CNN, em 2020, Odorissi já realizou pautas referente a temáticas polêmicas como a ‘Imunidade Parlamentar na Inglaterra’, diante de casos envolvendo membros da realeza britânica, com estudos e pesquisas sobre a Vacina de Oxford, após a chegada da pandemia. Entre outras matérias elaboradas pela jornalista, está o ‘Racismo e Xenofobia no Futebol’, o que a posiciona num papel de profissional não limitada a um único nicho. Além de cobrir assuntos pertencentes a diferentes editorias, encaminha ao Brasil informações sobre temas de interesse público. Natural de São José dos Campos, em São Paulo, a brasileira atuou como repórter da Band Vale (2004 a 2007) e da Record News (2007 a 2011), onde também foi apresentadora (2010 a 2012). Na sequência, trabalhou com reportagem na Record TV São Paulo (2011 a 2019), antes de chegar ao seu atual posto de trabalho, em Londres, o qual é aprofundado pela jornalista em uma entrevista realizada em outubro de 2021, ao vivo com o autor do trabalho, em *live* no Instagram¹.

Igualmente na Terra da Rainha, mas como funcionário da GloboNews, carioca de Niterói, Carvalho é considerado um dos mais jovens repórteres da TV brasileira. Em seus primórdios de atuação nacional, participou das coberturas dos deslizamentos em Angra dos Reis e Ilha Grande, em 2010 e, um ano depois, as enchentes e deslizamentos de terra na Região Serrana do Rio de Janeiro, uma das maiores tragédias naturais que o país já viu. Seu primeiro dever internacional foi acompanhar o resgate dos mineiros no Chile, em 2010. Desde que chegou em Londres, em 2016, seu primeiro trabalho foi na Sérvia, num acampamento de refugiados. Em praticamente quatro anos, acompanhou da eleição presidencial francesa ao casamento do príncipe Harry com Meghan Markle. Outras coberturas que estiveram em sua rotina, foram desde o ativismo ambiental da juventude britânica à canonização da Irmã Dulce no Vaticano. Porém, um dos encargos de Carvalho acabou virando uma obra cultural. A tão

¹Segundo as explicações da correspondente, Denise Odorissi, em entrevista ao vivo realizada no Instagram do autor (@gsdvargas), ela comenta a respeito das vivências como correspondente, principalmente em meio ao período pandêmico . 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CVAwOpclP7M/>>.

repercutida tragédia no norte da Tailândia, quando um passeio transformou-se em drama, ao noticiar o desaparecimento de 12 meninos e seu técnico de futebol em uma caverna - após o término do resgate das vítimas, Carvalho escreveu o livro, 'Os Meninos da Caverna', baseado no fato (ARTEBLITZ, 2020).

Já Saldanha, desde que integrou a CNN, tem o enfoque mais direcionado à pautas políticas, com olhares nas decisões tomadas na Casa Branca, frente ao grupo presidencial norte-americano. A jovem acompanhou: decisões da suprema corte e a aplicação de leis; conflitos durante o governo Trump; posse do atual presidente Joe Biden; assassinato de George Floyd; protestos contra o racismo; e pandemia nos EUA. Gaúcha natural de Alegrete, Núria trabalhou na Rádio Gaúcha e na Rádio Rural, como repórter e produtora (2007 a 2010). Até tornar-se correspondente, integrou a Touareg Conteúdo (2010 e 2011), onde fez reportagens e vídeos institucionais para a TV da BM&FBOVESPA. Posteriormente, foi contratada pela BandNews TV (2011 a 2013), como repórter de economia do canal na BM&FBOVESPA e apresentadora do programa BandNews Mercado. Tornou-se correspondente da CNN em 2019.

Uma vez que tantas personalidades compõem o amplo grupo de correspondentes internacionais, não se pode deixar de falar do jornalista do *O Estado de S.Paulo*, especialista em relações exteriores, Gustavo Chacra, responsável pelas coberturas: Guerra do Líbano (2006); conflitos na Faixa de Gaza (2008 e 2009); e a expansão do grupo terrorista islâmico Al-Qaeda (2009), durante sua estadia em Beirute, na capital do Líbano. Também é autor de reportagens sobre panoramas políticos e sócio-econômicos da: Cisjordânia, Egito, Emirados Árabes Unidos, Faixa de Gaza, Iêmen, Israel, Jordânia, Líbano, Omã, Catar, Síria e Turquia. Não somente Chacra, mas também Ariel Palácios é considerado um forte nome do jornalismo internacional nas Américas, por ter sido correspondente da CBN e da *GloboNews*, em Buenos Aires. Sua carreira começou em 1995 pelo jornal *O Estado de S.Paulo*, até pedir afastamento em 2014, ano em que passou a trabalhar para a *GloboNews*, com entradas ao vivo no Jornal Hoje, Jornal da Globo e SporTV. Após falar em Chacra e Palácios, situados nos continentes americano e asiático, há também Vinícius Assis, jornalista alocado na África do Sul, como correspondente do Grupo Globo. Ele viaja para os países vizinhos a fim de apurar informações para a *GloboNews* e outros veículos brasileiros. Entre suas missões, estão a cobertura da crise sanitária do continente e a experiência num local de pouca liberdade de imprensa.

Todavia, além do brilho político predominante no setor político e econômico nas comunicações internacionais, o esporte passou a ganhar forças a partir de 2005. Repórteres que costumavam viajar com delegações para realizar coberturas de jogos importantes, seguem em atividade. No entanto, a residência de profissionais em diferentes países passou a ser preferência em algumas emissoras, da mesma maneira que o multi-uso tecnológico.

Diante da utilidade de *gadgets* e *softwares* inovadores, a seleção de jovens jornalistas também foi uma característica adotada por emissoras e canais de streaming, o que resumiu a seguinte intenção entre instituições: um trabalho sério, promissor e de supervalorização. Para quem estava acostumado a acompanhar a trajetória de Tino Marcos, um dos maiores repórteres brasileiros, não deve estranhar o grau de atuação dos jovens correspondentes inseridos no mercado europeu. Mas, antes de partir para este ponto, vale enfatizar a trajetória de quem participou de oito Copas do Mundo e cerca de 200 jogos da seleção brasileira. Ao longo da sua carreira, Tino realizou a cobertura de: Olimpíadas, Copa América, Copa das Confederações e Jogos Pan-Americanos. Mesmo com grande atuação internacional, seu trabalho consolidou-se em território brasileiro, como o grande nome da Rede Globo.

Rumo ao mercado internacional, outro repórter da emissora, Carlos Gil foi um dos responsáveis pelo acompanhamento dos Jogos Olímpicos de 2021, em Tóquio, no Japão. Tornou-se correspondente em 2018, após apresentar o Globo Esporte SP na TV Globo, com objetivo de substituir Márcio Gomes, que estava no país oriental, desde 2013. No final de 2021, Gil retorna ao Brasil, de volta ao jornalismo de esportes. De acordo com ele, logo que mudou-se para o oriente, em 2018, deparou-se com uma surpresa: “Vivenciei algo histórico. Estava na Ásia quando 'uma nova pneumonia chinesa' apareceu e fiz as primeiras reportagens sobre isso. Então, é algo que carregarei para a minha história”.²

Sua vivência no decorrer da pandemia de Covid-19 chama atenção, ao levar em conta a superação japonesa frente ao controle populacional. Gil admitiu que vivenciar o isolamento no país foi algo fácil, em comparação a outras nações. Ele relata que o Japão não chegou a ficar nem três meses com o comércio fechado, e que sua escolha em ter ido para lá, foi um desafio para sua rotina. “Jornalista pode ser especializado, mas a notícia é universal, não

² Segundo depoimento de Carlos Gil na matéria “Carlos Gil relembra começo da covid na Ásia e vive expectativa de Olimpíada”, de autoria de Leandro Carneiro . 2021. Disponível em <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/25/homem-da-globo-em-toquio-carlos-gil-vive-angustia-no-exterior-em-pandemia.htm>>.

importa a editoria. Estar aqui tem sido um desafio muito legal e gostoso, uma experiência fantástica”.³

Paralelamente ao trajeto de Gil pelo Grupo Globo, está Manuela Franceschini, correspondente da emissora em Sydney, na Austrália. Similarmente ao seu colega de profissão, ela trabalha direto com apuração de notícias esportivas para o canal SporTV, desde 2016. Manuela começou a carreira no Estadão, teve passagem pela Veja e trabalhou oito anos na Globo, como repórter e correspondente do SporTV. Hoje, atua também como professora de *Broadcast Journalism* na Bond University, na Austrália.

³ Depoimento de Carlos Gil na matéria “Carlos Gil relembra começo da covid na Ásia e vive expectativa de Olimpíada”, de autoria de Leandro Carneiro . 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/25/homem-da-globo-em-toquio-carlos-gil-vive-angustia-no-exterior-em-pandemia.htm>>

3. CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS ESPORTIVOS

3.1 TNT Sports

Ao estabelecer uma análise do mercado de correspondentes, a partir de 2010, novos projetos foram surgindo e empregando jovens talentos no mundo todo. Um exemplo é a *TNT Sports*, antigo Esporte Interativo, extinto pela *WarnerMedia* em 17 de janeiro de 2021. O canal passou por várias transformações desde seu surgimento em 2004, enquanto TV aberta, período em que começou a transmitir modalidades como Futsal, Vôlei, Atletismo e Basquete.

Consolidada promessa do jornalismo esportivo internacional, a *TNT Sports* adotou um método inovador de realizar as transmissões dos jogos da *UEFA Champions League*, avaliada como o seu principal foco. Nomes como Frederico Caldeira (Manchester), Tatiana Mantovani (Madrid), Arthur Quezada (Porto), Marcelo Bechler (Barcelona), Isabela Pagliari (Paris) e Clara Albuquerque (Turim), fazem parte da aposta no mercado jovem, ao estarem alocados em diferentes países, com um estilo de trabalho que perpassa as fronteiras continentais. Mas, o currículo pesa. Além de todo preparo e experiência profissional, a noção de novos idiomas é critério importantíssimo, para que os mesmos saibam lidar com as adversidades presentes em suas respectivas localidades.

Acostumados com uma rotina de produção, eles vivenciam o papel do “jornalista multitarefa”, encarregados da produção, roteirização, gravação, entrevistas, edição e encaminhamento de materiais para a emissora veicular em seu canal e mídias digitais. É um papel característico do comunicador contemporâneo, isso sem falar na necessidade de buscar conteúdos factuais de interesse público de maneira autônoma, sem depender exclusivamente de direcionamentos vindos dos editores.

Residente na capital espanhola, e responsável pelo acompanhamento do dia a dia dos clubes Real Madrid e Atlético de Madrid, Mantovani integrou o grupo *TNT Sports*, em 2016, quando o antigo Esporte Interativo procurava alguém que já residisse na cidade, falasse o espanhol fluente e conhecesse os clubes locais. A partir destes requisitos, a jovem foi indicada pelo seu atual colega de profissão, Bechler, correspondente em Barcelona. Após integrar a nova equipe, ela cobriu quatro finais de Liga dos Campeões consecutivas. Com proficiência no espanhol, Mantovani passou por diferentes vivências ao longo do seu trabalho como correspondente. Segundo ela, as coberturas de Liga dos Campeões foram uma das melhores

sensações já vividas. Fator este que, sobretudo, criou vínculos com os atletas brasileiros, Marcelo e Casemiro, do Real Madrid. “Sempre nas entrevistas após os jogos, eu acho que eles se sentem mais à vontade falando português, com uma pessoa que é do mesmo país, e acho que isso acabou aproximando a gente” (MANTOVANI apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 110), relatou.

As brincadeiras e descontrações geraram intimidade entre os profissionais, ponto que ela justifica ter ocorrido por “ser a única jornalista esportiva brasileira local”. Além dos conterrâneos, a correspondente também participou de outras entrevistas, como foi o caso das coletivas com o técnico francês Zinedine Zidane, e bate-papos *online* via *Twitch*, com o goleiro belga, Cortois.

As dificuldades também fizeram parte da rotina de Mantovani, sendo uma delas, durante a sua experiência no Mundial de Clubes de 2017, ano em que Grêmio e Real Madrid decidiram o título. “Foi realmente uma das piores experiências profissionais, mas também uma das que eu mais aprendi. Cobrir o mundial nos Emirados Árabes foi bem complicado, mas no final deu tudo certo” (MANTOVANI apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 112), acrescentou. Segundo ela, o público presente não entendia como ela poderia estar sozinha no local, na falta de uma companhia. Ela conta que o acesso foi bastante difícil, principalmente para ingressar com seus equipamentos de trabalho.

Da mesma maneira que os obstáculos, as conquistas fazem parte da vida destes profissionais. A rotina de trabalho de Frederico Caldeira, correspondente em Manchester, foi fundamental para que desse seguimento aos seus projetos de esportes. Segundo ele, em meio às principais dificuldades, estava a necessidade dele ser o seu próprio cinegrafista: “O olhar de um especialista em imagem é fundamental para uma boa reportagem e evidentemente eu não tenho esse olhar, sei apenas operar a câmera” (CALDEIRA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 78).

Eis a realidade de muitos correspondentes que partem rumo a outras nações para fazer jornalismo. Deve-se estar preparado para tudo, pois não é sempre que haverá um cinegrafista ou produtor junto do repórter. Caldeira também realça o peso da construção do diálogo em países europeus. Para ele, a procura por um “meio termo” na construção textual e verbal, como construtora de uma proximidade entre as culturas brasileira e inglesa, é desafiadora.

Como produzir um conteúdo com a cara do Brasil ao entrevistar personagens tão distantes em termos culturais? É importante, quando possível, buscar referências

comuns ao Brasil. Mas, acho que existe um desafio aí: o Brasil que conheci, como morador da zona norte do Rio de Janeiro, têm diferenças profundas dos tantos Brasis do mesmo país. Buscar referências comuns em um país continental e com tanta desigualdade de realidades é complicado (CALDEIRA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 78).

O Campeonato Inglês é um prato cheio para quem ousa realizar coberturas. Considerado o mais competitivo da Europa, por agregar um maior número de grandes equipes que costumeiramente brigam por títulos nacionais e internacionais, a instantaneidade das informações tendem a correr de maneira mais rápida. Segundo apuração de Rodrigues, Nicolini e Andrade (2019) os correspondentes devem elaborar um boletim por dia, para o Conselho Europa (programa disponível no IGTV, do *Instagram*), três participações por semana no programa ‘Melhor Futebol do Mundo Debate’, no *Youtube*, além de uma grade para o Liga Espetacular, da *TNT*.

Porém, previamente à fase de correspondente internacional, Caldeira chegou ao antigo Esporte Interativo, em 2011, onde lidou com produção, apuração e apresentação. Sempre apaixonado pelo assunto, não optou por outra área, se não o jornalismo esportivo. Desde setembro de 2016, Caldeira integra o grupo de correspondentes na Europa, e enfatiza que “ter se dado a oportunidade” de sair do país e desafiar-se diante das adversidades que a nova proposta apresentava, foi um dos pontos mais gratificantes em sua jornada profissional. “Se você não se abrir ao novo, não há crescimento pessoal nem profissional” (CALDEIRA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 81).

Em Paris, Pagliari teve um começo parecido com o de Tati Mantovani. Aos 27 anos, ela optou mudar-se do Brasil, com destino à capital francesa, onde reside desde então. Seu objetivo era manter-se ligada aos estudos, até que, em 2015, o Esporte Interativo a recrutou para compor o grupo de correspondentes internacionais que estava sendo formado para realizar a cobertura da Liga dos Campeões. Em entrevista para o grupo Uol Esportes, Pagliari relata que vivenciou diferentes realidades profissionais antes de virar correspondente.

Antes de trabalhar no Esporte Interativo, eu montei um canal do *Youtube* e trabalhei um pouco no Globo Esporte. Eu trabalhei em bar de balada, mas sempre quis ser jornalista. Eu ia aos jogos do PSG mesmo sem trabalho. Eu vim para me jogar, eu não pensei muito. Se pensar muito, não vai. Eu não tinha amigos no primeiro ano e pensei em desistir. Foi então que o Esporte Interativo entrou em contato para falar que queriam montar uma equipe por causa da Liga dos Campeões. (PAGLIARI, Uol Esportes, 2017)

Antes mesmo de estreiar pela nova emissora, ela comenta que um dos seus receios ao chegar na França era a existência de fatores como o terrorismo e o machismo na Europa. Ela descreve que quando o Paris Saint Germain (PSG) venceu o Barcelona na Liga dos Campeões, no jogo de ida das oitavas de final, em 2017, no Parque dos Príncipes, Neymar parou para lhe ceder uma entrevista durante a zona mista: “Os caras falaram que ele só falou comigo por ser mulher e bonita. Machismo existe e as pessoas sempre justificam as coisas pela beleza e não pela sua capacidade. Isso não tem nada a ver”.⁴

No entanto, após este período, Isabela consagrou-se fonte indispensável para vários veículos de comunicação franceses. Com domínio do idioma local, ela teve sua rotina transformada após o dia 3 de agosto, quando o PSG oficializou a contratação de Neymar, por 222 milhões de euros. A jornalista passou a realizar entradas ao vivo para canais brasileiros, bem como entrevistas para veículos franceses, que viviam em busca de notícias sobre o jogador mais caro da história.

Eu acho que meu dia às vezes tem 72 horas, mas a gente se vira. O meu trabalho tem cobrança, mas é muito sonho. Eu acordo, leio os jornais, escuto as rádios, separo os assuntos, bato pauta, eu me preparo e faço as tarefas de casa, pego o ônibus e vou para o Parque dos Príncipes. Eu entro ao vivo e faço o que precisa, traduzo as respostas, eu envio, eu penso as chamadas. Exige muita dedicação e muita paixão. (PAGLIARI, Uol Esportes, 2017)

Um dos pontos que chama atenção no modo com que estes profissionais transformaram-se em correspondentes, refere-se à trajetória de cada um. Diferentemente dos exemplos anteriores, Quezada deu um grande salto entre os patamares da profissão. Sobrinho do jornalista Leandro Quesada, sempre foi apaixonado pela área. Começou a operar como comunicador interno em um sindicato, e posteriormente, tornou-se funcionário da Rádio Cidade, no Rio de Janeiro. Teve o encargo de acompanhar as equipes que enfrentavam o Clube Atlético Votuporanguense que, até então, disputava a quarta divisão do Campeonato Paulista. Em 2011, optou por deixar o Brasil e realizar intercâmbio na Irlanda, e dois anos depois foi a Portugal, onde pretendia fazer sua pós-graduação. Em 2015, recebeu a notícia que o Esporte Interativo estava montando a equipe de correspondentes internacionais, para cobertura da *Champions League*. Foi aí que Quezada enviou seu currículo e foi aceito logo de

⁴ UOL Esportes. Acesso em 15 mai, 2021. Disponível em:
<<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2017/09/24/minha-vida-mudou-apos-neymar-diz-reporter-do-esporte-interativo-em-paris/>>

cara: “Nunca fiz um jogo da Série A do Campeonato Brasileiro. Pulei da quarta divisão do Campeonato Paulista para a maior competição de clubes do mundo” (QUEZADA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 28).

Desde então, ele vive na cidade de Porto, responsável pela apuração noticiosa das principais equipes do país: Porto, Benfica e Sporting. Porém, eis apenas uma parte de sua responsabilidade como correspondente. Igualmente, Quezada viajava por todo Velho continente, a fim de cobrir eventos futebolísticos em localidades onde não existissem jornalistas internacionais, como Holanda, Grécia e Alemanha.

Ser o coringa me proporciona também, ter mais tempo para pensar e elaborar matérias especiais, eu também posso estar em jogos e estádios diferentes dos habituais. Fiz jogos como Bayern e Ajax no meio da OktoberFest. Então é uma grande oportunidade, em todos os sentidos. Profissional e pessoal. (QUEZADA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 29)

Exemplo das coberturas fora de Portugal, foi o confronto entre Ajax e Tottenham, pelas semifinais da Liga dos Campeões de 2020, marcada pelo *hat-trick* (três gols em um jogo) de Lucas Moura, que garantiu a classificação para a equipe inglesa à final do campeonato. O jogo foi repleto de emoções, além de ter proporcionado a Quezada uma das entrevistas que repercutiu no mundo, ao conversar com o meio-campo brasileiro. Segundo o correspondente, momentos como este fizeram com que conhecesse mais de 40 estádios na Europa, em diferentes nações.

Com o passar do tempo, ele se tornou conhecido pelos jogadores de Portugal, mesmo que não tenha sido fácil convencer a imprensa, logo de saída. De acordo com ele, em razão de na época, o Esporte Interativo não estar entre os grandes veículos de comunicação internacionais, no quesito de popularidade, a demora para desenvolver proximidade com as federações, clubes e atletas, foi um obstáculo. Após esta fase, tudo se enquadrava no relacionamento com as equipes portuguesas. Inclusive, Quezada conta sobre um bate-papo gravado com Jorge Jesus, em 2017, quando o técnico português deu um furo de reportagem em meio a conversa, ao revelar que havia sido procurado para comandar o Porto, rival do seu atual time, o Benfica. Para ele, a informação foi emitida da maneira mais natural possível, de tão a vontade que o treinador português se sentiu no bate-papo (QUEZADA apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019).

O contato com integrantes das equipes a serem acompanhadas internacionalmente é de extrema importância aos correspondentes. Em Turim, na Itália, Albuquerque salienta a responsabilidade acerca das perguntas direcionadas a membros de clubes futebolísticos. Por mais que domine o italiano, a jornalista pontua que é muito recorrente os atletas e membros de comissão técnica darem respostas distintas do que foi perguntado.

Nós temos uma dificuldade muito grande, e não é só no Brasil, de fazer perguntas e o entrevistado não responder. A gente pergunta X e o entrevistado responde Y. Os treinadores e jogadores têm um cuidado muito grande em não falar o que não devem, então isso acaba que as respostas são muito iguais e no final das contas não dizem nada (ALBUQUERQUE apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 55).

Para a brasileira, as melhores experiências com entrevistas foram com Pep Guardiola e Jürgen Klopp, técnicos do Manchester City e Liverpool, até então. “Tenho os dois treinadores como referências, pois quando os entrevistei, eles responderam de fato o que perguntei, conversaram de futebol comigo e isso me deu uma satisfação profissional muito grande” (ALBUQUERQUE apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 55), afirmou. Por outro lado, o ex-treinador da Juventus, Massimiliano Allegri, é conhecido por não ser tão agradável nas respostas. Albuquerque conta que o italiano nunca chegou a ser mal educado, mas não costuma dar tanta liberdade à imprensa, como os outros membros do plantel.

Tanto quanto a chegada de Neymar a Paris, a contratação de Cristiano Ronaldo pela “Velha Senhora” tomou as atenções da imprensa local. Albuquerque, que não costumava ir a todos jogos no estádio, passou a acompanhar de perto as partidas da *Serie A*, o que, segundo ela, modificou completamente sua rotina de trabalho. Fator plausível, já que o craque português passou a jogar na equipe de Turim, onde trabalhava.

A comunicadora foi apaixonada pelo esporte desde cedo, influenciada fortemente pela mãe. Teve sua primeira produção noticiosa publicada em seu projeto final do curso de graduação em Jornalismo, quando lançou a obra ‘A Linha da Bola - tudo que as mulheres precisam saber sobre futebol e os homens nunca souberam explicar’, em 2007. Posteriormente, recebeu um quadro na TV Bahia (afiliada da Rede Globo), chamado ‘Tudo às Claras’. Na sequência, tornou-se comentarista do SporTV e do Premiere Futebol Clube (canal de assinatura para transmissão dos jogos dos campeonatos estaduais brasileiros, das séries A e B do Brasileirão). Passado algum tempo, ela optou por mudar-se para o Rio de Janeiro, com

objetivo de dar amplitude ao seu trabalho, quando em 2013, o Esporte Interativo a convidou para integrar a equipe, onde foi apresentadora e comentarista durante quatro anos.

Em meio a sua atuação no SporTV/PFC e no Esporte Interativo, ela era a única comentarista mulher, entre as principais emissoras de televisão do país. Diante do fato, a jornalista não esconde a existência do machismo no futebol, por se tratar de uma esfera em que historicamente houve maior presença de homens.

Não existe uma mulher que trabalhe no jornalismo esportivo que não tenha sofrido preconceito, porque o esporte reflete como é nossa sociedade, e nossa sociedade é machista. Não conseguimos viver em uma bolha onde o machismo não se manifeste. O que a gente sente no dia-a-dia é que as mulheres precisam provar todos os dias que sabem de futebol. (ALBUQUERQUE apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 57)

Já em 2017, foi convidada a mudar-se para Turim, com objetivo de dar início à sua trajetória como correspondente. Ela conta que, no começo, não se imaginava atuando no setor, mas foi uma grande oportunidade de desenvolver suas habilidades.

Eu não gosto de rotina e os correspondentes não tem uma. Os dias são completamente diferentes, envolvendo muita viagem e conhecimento sobre outras culturas. Dependendo do mês, eu passo menos de uma semana na minha cidade. (ALBUQUERQUE apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 53)

Por fim, o correspondente em Barcelona Bechler destaca a vantagem do enriquecimento cultural, como ponto forte na vida de um jornalista internacional. Segundo ele, a viagem a trabalho é uma das coisas que mais o desperta interesse, como forma de se conectar a outras culturas, estádios, países e pessoas. “Conheço 79 estádios em quatro continentes. É bem legal e enriquecedor e essa é a melhor parte”, (BECHLER apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 96) salienta. Além do amor pelas viagens, a identificação pelo seu clube do peito, Barcelona, também o motiva a trabalhar no ramo.

Todavia, Bechler descreve as atuações pós-jogo, como um dos passos mais árduos na vida de correspondente. As entrevistas produzidas depois do término das partidas pela Liga dos Campeões, tornaram-se parte de um processo desgastante de produção.

A gente está muito cansado do jogo, estamos trabalhando desde cedo e tem jogador que ainda está com a roupa de jogo, de cabeça quente, com a adrenalina a mil. Nós, jornalistas, queremos boas respostas, queremos fazer perguntas para eles se

enrolarem, mas os caras querem ficar ligados no que foi o jogo. (BECHLER apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 97)

O brasileiro enfatiza também, o uso de dois ou mais idiomas em suas entradas ao vivo, dependendo de quem sejam os atletas: "Às vezes fazemos entrevistas em inglês, dois minutos depois passamos para o espanhol, e temos que falar bem a língua, para sermos entendidos pelos entrevistados" (BECHLER apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p.97).

Além da *TNT Sports*, o jornalista possui uma coluna em *Lance!* e trabalha, igualmente, na rádio Itatiaia, de Minas Gerais, e para a TV3, canal televisivo da Catalunha. Nesta vasta experiência, Bechler relata que conseguiu notar as diferenças presentes entre a imprensa brasileira e a espanhola, principalmente voltada às distinções culturais entre os dois públicos, nas maneiras de observar o futebol.

Aqui, o jornalismo não tem essa pegada do humor que tem no Brasil, eles são mais sérios e muito concentrados nos jogos. A dinâmica dos clubes é diferente, os jogadores são diferentes, a cultura é futebolística e jornalística aqui é diferente. (BECHLER apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 98)

De certo modo, estas mudanças o surpreenderam em parte, já que o mesmo somava passagens na rádio Globo e no SporTV, como comentarista, além do seu primeiro emprego na rádio Inconfidência, em Belo Horizonte. Com o desejo de se tornar correspondente, mudou-se para Barcelona, em 2015, e desde então passou por momentos marcantes, como a transferência de Neymar, do Barcelona ao PSG. Bechler foi autor de um dos maiores furos jornalísticos da época, após anunciar previamente a compra do clube francês junto ao craque brasileiro. No dia 18 de julho de 2017, ele escreveu em seu *Twitter*: "Neymar aceita proposta do PSG. Clube francês pagará os 222 milhões de euros. Em instantes, mais detalhes no Esporte Interativo". Com esta afirmação, Bechler foi responsável pelo furo, ao ser o primeiro a noticiar o acerto, tendo seu nome repercutido por todo o mundo. Ele comenta sobre o contato com as fontes, que garantiam que Neymar iria para o clube parisiense, e depois de cinco minutos de entrada ao vivo com o Esporte Interativo, para divulgar o acordo, Bechler foi procurado para ceder 14 entrevistas no mesmo dia, para falar a respeito da transferência.

Ponto este que faz referência a um dos pilares da profissão, considerados essenciais na busca de informações: o *mailing*, como é chamado, engloba a listagem de vários contatos de

profissionais em diferentes serviços, a fim de prestar auxílio com apurações específicas que o jornalista esteja procurando saber. Neste caso, após as buscas pelo correspondente brasileiro, as relações foram ampliadas. Bechler conta que ainda durante o período em que estavam ocorrendo as especulações, chegava a monitorar os grupos de *WhatsApp* para ficar de olho em possíveis atualizações e mensagens de fontes que participavam da negociação: “Dormi com o celular despertando de meia em meia hora por uma semana, conferindo o comportamento da pessoa do outro lado e constando que estava na Europa todos esses dias”, (BECHLER apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 99). O repórter chegou a escrever no *blog Medium*⁵ toda trajetória acerca dos desafios vivenciados nesta época.

É interessante abordar, além do trabalho massivo, a lei de causa-efeito nestas emissoras. Independente de serem redes de TV aberta, os picos de audiência tendem a aumentar durante as transmissões e coberturas esportivas. A *TNT Sports*, já enraizada com o sistema aberto de televisão, mesmo após migrar para o grupo TNT, seguiu a reproduzir os jogos no seu *Facebook*, embora saiba-se que todo engajamento e repercussão nas mídias sociais, em específico no *Instagram*, corrobora muito para o crescimento do índices de audiência. Segundo o site ‘Máquina do Esporte’⁶, pertencente ao grupo Uol, o canal atingiu uma marca de 1,4 pontos de média, com pico de 2,1 na transmissão do clássico inglês, Arsenal e Liverpool, em novembro de 2019, o que equivale a 3,3% de participação nas televisões ligadas em São Paulo. Antes da posse dos direitos para transmissão de outros jogos em nível nacional, a média de audiência batia 0,3 pontos no *ibope*. Nitidamente, a repercussão de campeonatos que vão além do Brasil, agrega maior público e, conseqüentemente, mais jornalistas para cobrir esportes fora do país. O procedimento é uma base de lógica e algoritmo de gestão, o que agrega benefícios a três lados: o da empresa, que lucra com o aumento da audiência e com o ganho de repercussão; o jornalismo, que ao mesmo tempo que é valorizado em outras modalidades e campeonatos internacionais, gera mais emprego; e o consumidor de, que têm informações de interesse pessoal, além do que é noticiado costumeiramente.

⁵ O blog Medium é uma plataforma de publicações de conteúdos elaborados por pessoas ligadas ou não ao jornalismo, como uma forma de contribuição informativa. Acesso em: 17 mai, 2021. Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/n%C3%A3o-sou-o-di-marzio-mas-sou-o-marcelo-bechler-cd2721a525a7>>

⁶ Máquina do Esporte. Acesso em: 14 jul, 2021. Disponível em: <<https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/com-final-2019-tnt-bate-recorde-historico-na-champions-league/>>

3.2 ESPN Brasil

Outro nome que ganhou voz diante do trabalho com correspondentes esportivos foi a *ESPN Brasil*, que investiu na aplicabilidade profissional no mercado exterior. Diferentemente da TNT Sports, a *ESPN* lida há anos com a cobertura multiesportiva. Modalidades que variam entre futebol, basquete, futebol americano, tênis, hockey, surf, golf, box e automobilismo, fazem parte de sua grade de programação, que também viabiliza novos conteúdos semanais, por meio de reportagens e coberturas realizadas por comunicadores internacionais. Entre o grupo que compõe a seleta equipe de profissionais da *ESPN Brasil* na Europa, destacam-se: André Linares (Barcelona), João Castelo Branco (Londres) e Natalie Gedra (Londres).

A estação adota consigo o sistema de televisão fechada e já manteve-se líder de audiência com transmissão da *Premiere League*, em várias oportunidades. Uma delas, segundo o site Observatório da Televisão⁷, durante a temporada 2020/2021, quando a emissora bateu bons números chegando à terceira semana consecutiva como líder de audiência, após exibir cinco partidas entre sábado e domingo em um final de semana, sendo o canal mais assistido da TV paga em todos os jogos.

Linares é residente na Espanha desde 2018, e define a função de correspondente internacional como: “Um grande desafio é buscar ser bom em cada uma das tarefas” (LINARES apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 17). Encarregado da cobertura de equipes como Barcelona e Real Madrid, ele conta que sua rotina começa no início de semana, quando fecha a programação junto à chefia de reportagem sobre o que vai fazer nos dias seguintes. Ele relata que, de costume, chegava aos estádios três horas antes das partidas, antecedência que permitia com que realizasse entradas ao vivo, gravasse entrevistas com torcedores e preparasse conteúdos para as redes sociais. Durante os 90 minutos de jogo, acompanhava os lances por de trás do gol ou à beira do campo, com uma visão lado-a-lado às quatro linhas. Na sequência, eram realizadas as coletivas, gravações e edições dos boletins.

Com o aumento do uso de recursos tecnológicos, assim como o linear desenvolvimento de acesso e ferramentas em mídias digitais, o trabalho dos correspondentes perpassou as fronteiras televisivas, o que os obriga a elaborar materiais para redes sociais e *sites*.

⁷ Observatório da Televisão. Acesso em: 21 nov, 2021. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/espn-brasil-consegue-lideranca-pela-terceira-semana-seguida-com-premier-league>>

A comunicação é muito mais rápida e eficiente. Quanto ao noticiário, a internet te obriga a estar ligado o tempo inteiro pela velocidade com que as notícias ganham o mundo. Ao mesmo tempo, é necessário ter cuidado para não cair em um ritmo frenético sem levar em conta a qualidade e a credibilidade do que você faz. (LINARES apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 19)

Segundo Linares, o ponto forte que auxilia na proximidade com as fontes, em especial, torcedores, é o “ser brasileiro”. Quesito que reflete a convivência e contato com o futebol, já que no começo de sua jornada, por ser estrangeiro na Espanha, as dificuldades de aproximação eram maiores do que as de seus colegas nativos.

É fácil buscar as informações básicas, por isso os jornalistas locais nos perguntam mais sobre detalhes da trajetória, curiosidades, estilo de jogo. E, claro, no período de janela de transferências todos buscam apurar com o máximo de contatos possíveis, ouvir vários lados e saber o que está sendo publicado e falado também na imprensa brasileira. É sempre uma troca muito interessante. (LINARES apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 19)

O brasileiro pontua também a contextualização como peça fundamental na emissão da mensagem. Toda construção textual tem um público, que pode variar entre os mais diferentes estilos dependendo do setor jornalístico. No trabalho de um comunicador internacional, deve haver o cuidado para explicar determinadas menções ou dados para os brasileiros. “Tento sempre usar algumas palavras daqui sempre acompanhadas pela explicação”, (LINARES apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 20) relata o jornalista. De acordo com ele, as informações utilizadas na Espanha têm discordâncias com alguns dos significados brasileiros em certas palavras. Por isso, Linares enfatiza a cautela na hora de repassar a notícia, pois mesmo que o público local a consuma, elas são direcionadas ao Brasil.

O jornalista compartilhou diversos sentimentos desde o começo de sua passagem frente às câmeras. Com o antigo desejo de atuar na área, apaixonou-se pela comunicação, o que o levou a realizar seu sonho de entrevistar nomes como: Zinedine Zidane, Del Piero e Rodrigo Taddei. Porém, há contrapontos que permeiam as rotas da profissão. Independente do desenvolvimento na apuração e produção de conteúdos, as *Fake News* se fazem presentes, tornando-se armadilhas não só na vida de quem consome notícias em casa mas, também, na dos comunicadores. Através desta análise, subentende-se que a retomada da credibilidade é um passo importantíssimo a ser dado e que deve se desenrolar aos poucos, diante do alto grau de desinformação coletiva. “Talvez o grande desafio do momento seja reconquistar a

credibilidade para manter a relevância para o público. O jornalismo tem compromisso com os fatos. Então, o que é noticiado nem sempre vai agradar” (LINARES apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 25), pontua Linares.

Rumo à Inglaterra, está Castelo Branco, correspondente na mais atrativa liga nacional europeia, considerada destaque do *ESPN Brasil*. Junto à *Premiere League*, Castelo Branco transformou-se em um dos rostos mais conhecidos da emissora, pelo fato do crescimento de audiência nas transmissões do futebol inglês.

Há mais de 10 anos no canal, ele acompanha todos os movimentos e novidades entre os maiores clubes da “Terra da Rainha”. Ao começo das transmissões do campeonato pela *ESPN Brasil*, ele adquiriu familiaridade com o manuseio das câmeras, como um de seus deveres com a emissora, além de ter atuado como cinegrafista e produtor, até chegar ao seu estágio atual, como correspondente. Desde que passou a residir em Londres, Castelo Branco é responsável pela apuração de todas as negociações de jogadores que envolvem as equipes inglesas. Do mesmo modo que destaca a cultura e o conhecimento local como pontos chave da zona de atuação, o convívio com os hábitos regionais de diferentes civilizações incrementa os fundamentos informativos na hora de gerar conteúdo. Neste caso, os estádios fixam-se em uma prateleira de preferências para Castelo Branco, que destaca alguns nomes: *Anfield Stadium* (Liverpool), por conta de se localizar na cidade que mais respira futebol; *Saint James’ Park* (Newcastle), em razão da torcida apaixonada; *Tottenham Hotspur Stadium* (Tottenham), pela modernidade; *Craven Cottage* (Fullham), por caracterizar-se um estádio cultural, com arquibancadas do final do século XX.

Além dos estádios, ele cita o título do Leicester na temporada 2015/16, as Olimpíadas na China (2008) e a Copa do Mundo de 2014, como coberturas marcantes. Esta última, inclusive, rendeu um documentário chamado “João pelo Mundo”, que retrata, além de fragmentos do campeonato mundial de futebol, momentos vividos por ele acompanhando as torcidas de seleções internacionais pela Europa e África.

Quem segue o trabalho de Castelo Branco pode não imaginar seus sonhos ou almejos diante do jornalismo. Mesmo com família formada e estabelecida na Inglaterra, ele revela um possível interesse em retornar ao Brasil. Segundo ele, a tendência caso voltasse ao seu país de origem, seria operar em outro domínio, com o qual também se identifica. “Eu gosto muito de documentário, por exemplo, é uma coisa que me atrai, talvez algum projeto assim, ou trabalhar em alguma outra área do jornalismo. Mas sim, eu gostaria de voltar um pouco,

brasileirar um pouco de novo” (CASTELO BRANCO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 91).

Para ele, o amor pelo jornalismo já era algo de família, compartilhado nas profissões de pai, mãe, padrasto e madrasta, o que fez com que ele crescesse em torno da ocupação. Enquanto mais jovem, chegou a cursar faculdade de Ciências Sociais, entre outros cursos, mas sempre se identificou com imagens, fotografia e documentários. Em contrapartida, houve um nome que, diante de sua representatividade, foi um divisor de águas para ele, enquanto garoto. O jornalista Pedro Bial foi casado com a mãe de Castelo Branco durante 10 anos. O ícone da televisão e da profissão no Brasil, foi correspondente da Rede Globo em Londres, e carrega em seu currículo as coberturas do: colapso do socialismo no Leste Europeu (1989); as guerras do Golfo (1991) e Bósnia (1992); fim da União Soviética (1991); e a Queda do Muro de Berlim (1989). Bial esteve ligado ao setor por oito anos (1988-1996), quando foi casado com a jornalista Renée Castelo Branco. Por conseguinte, em razão da transferência de Bial para a Europa, é que o atual correspondente da *ESPN Brasil* mora na Inglaterra desde 1989.

Também correspondente pela emissora, Gedra é exemplo de carisma e simpatia, afinal, não foi à toa que ela chegou até o atual patamar. Ainda em época de estágio na faculdade, cobria partidas da Copa São Paulo de Futebol Júnior, além de frequentar partidas de futebol todas semanas, após ganhar de seu pai sua primeira carteirinha da ACEESP (Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo). Posteriormente, uma reviravolta... a jovem pede demissão do veículo de imprensa que trabalhava, para morar em Londres, no ano de 2016. Com finalidade de bancar seu mestrado na Inglaterra, ela trabalhou logo de início, nos cafés da capital inglesa, achando que sua carreira jornalística teria chegado ao fim, após ter se "formado" como repórter de campo na Rádio Globo e ter adquirido experiência na TV Bandeirantes.

Eu queria explorar outras oportunidades também. Aí pensei que eu poderia procurar outra coisa fora do Jornalismo. Fui buscar um mestrado e achei um em gestão esportiva, porque queria sair do Jornalismo, mas não do esporte. Deu certo, passei e fui. Pedi demissão com muita tranquilidade. As pessoas ficavam um pouco assustadas, tipo: 'como assim você vai pedir demissão da Globo? Ninguém faz isso. (GEDRA, Uol Blogosfera, 2020)

Depois de estar instalada na Inglaterra, trabalhando em cafés, Gedra ganhou a oportunidade de cobrir a *Premier League* pela *ESPN Brasil*, detentora dos direitos de

transmissão do torneio. Desde então, em quatro anos na Europa, ela foi responsável pela cobertura de dezenas de partidas da Liga Inglesa, *Champions League*, campeonatos de tênis da Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) na Europa, como Roland Garros e Wimbledon, além de ter feito entrevistas importantes com o técnico português, José Mourinho, que a respondeu uma pergunta que somente ela teve coragem de questionar, em meio à toda imprensa.

O Salah estava voando na temporada, e todo mundo dizia que o Mourinho tinha dispensado ele no Chelsea. Aí perguntei sobre isso e ele disse: 'vou te dizer uma coisa que nunca falei pra ninguém. Eu não fui o cara que dispensou o Salah, eu fui o cara que contratou o Salah. A saída dele foi decisão do clube'. A resposta dele para Natalie repercutiu em jornais do mundo. (GEDRA, Uol Blogosfera, 2020)

Muito além do sucesso de carreira, Gedra, assim como as outras correspondentes, representa a superação e a luta do público feminino que sonha em trabalhar com o esporte. Coletivo este que, em muitas ocasiões, se deparam com críticas de cunho machista, desmerecedoras do trabalho feminino “Fico muito orgulhosa vendo que hoje tem tanta mulher querendo desafiar esses padrões e não sucumbir às regras. A gente por muito tempo aceitou essas coisas, né? A gente também tem direito de ocupar esses espaços”⁸, concluiu.

Diferentemente de alguns nomes já citados, Gedra costuma realizar também a cobertura de partidas de tênis na Europa. Um dos casos foi a edição 2021 de Roland Garros, onde destacou-se ao encarregar-se de entrevistas para a *ESPN Brasil* e *Sur*, *Fox Sports Asia* e *TSN Canada*. Além da produção de matérias especiais, a comunicadora obteve falas exclusivas pós-jogo com os tenistas: Novak Djokovic, Stefano Ttitsipas, Danil Medvedev e Barbora Krejčíková.

3.3 Jornalismo Internacional no Brasil

Há outros nomes associados ao jornalismo internacional, que trabalham diariamente com editorias distintas, sem necessariamente estabelecerem-se em regiões específicas para coberturas. Entre estes nomes está Patrícia Lopes (Brasil), correspondente internacional no

⁸ Declaração de Gedra, para a matéria “Num dia servindo café, no outro em barça x real: a virada de Natalie Gedra”. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/02/03/da-copinha-a-europa-ela-quis-sair-do-jornalismo-e-acabou-na-premier-league/>.

Brasil. Por mais que possa parecer confuso atuar no mesmo país de origem, Lopes desempenha a função de repórter para a *Bein Sports*, do Catar. No curso de ‘Jornalismo Internacional’, promovido pela THE360, ela revela um pouco de sua rotina de trabalho, bem como a trajetória percorrida para chegar até seu atual posto, na palestra ‘Missão Qatar 2022: Os olhos e ouvidos conectados no local da próxima copa’.

Antes de chegar à *Bein Sports*, em 2013, Lopes começou estagiando na TV Bandeirantes, e no canal Multishow, onde deu o pontapé inicial na profissão. Posteriormente, em 1999, foi contratada para ser repórter da TVE, onde atuou por 9 anos. Período este que marcou seu trabalho como repórter e correspondente no Brasil das emissoras internacionais *NBC Telemundo* e *CNN em Español*. Na sequência, integrou o grupo ESPN Brasil, onde participou das coberturas dos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, da seleção Brasileira, final da Copa Libertadores da América de 2008 e da cobertura da Copa do Mundo na África do Sul, até se desligar do veículo, em 2012. Desde então, faz parte da emissora do Catar, *Bein Sports*, pertencente ao grupo *Al-Jazeera*. Atualmente, é a única a desempenhar o serviço pela entidade, no Brasil, ao realizar semanalmente diversas matérias sobre o esporte. Desde sua chegada na emissora, ela já participou da cobertura de vários circuitos da Fórmula 1, Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016.

Por maiores que fossem os desafios impostos pela carreira, ela destaca o forte impacto dos idiomas. Embora os demais correspondentes enfatizem a magnitude do domínio de diferentes línguas, Lopes realça que o inglês já é considerado obrigatório em inúmeras situações, o que deixa de qualificar um jornalista com um “diferencial”. Sabe-se que quanto mais idiomas o profissional domina, maior é o leque de possibilidades de emprego que ele terá, caso queira trabalhar no exterior. Segundo a repórter, que tem proficiência em inglês, italiano e espanhol, além do português, as chances de ingresso no mercado internacional ocorrem por meio desta qualificação (LOPES, 2021).

Em razão de trabalhar para uma empresa da Península Arábica, há vários fatores curiosos a respeito do seu dia a dia. Um dos aspectos revelados, é o método com que as coberturas funcionam. Lopes explica que para as reportagens, grava todas em inglês e encaminha para a produção da *Bein Sports*, onde as entrevistas com fontes brasileiras, no idioma local, são traduzidas para o árabe, por um profissional. Já no caso das entradas ao vivo, ela cita o papel dos dubladores, responsáveis pela tradução e retorno do áudio dos apresentadores da emissora para o inglês. Profissionais estes que fortalecem uma conexão

linguística entre a repórter e os âncoras. Outro ponto abordado sobre as transmissões ao vivo, é a necessidade do preparo diante do “improviso” em situações inusitadas da reportagem. Os imprevistos sempre estão sujeitos a acontecer, independente do momento. Exemplo experienciado por ela foi quando em uma de suas entradas do vivo pré-jogo, dentro de um estádio, o seu retorno da tradução do árabe para o inglês sumiu, deixando-a somente na escuta do idioma árabe, o qual não compreende 100%. Ela conta que, para não perder o foco, necessitou improvisar uma resposta com algumas “obviedades”, que certamente estariam ligadas à pergunta da apresentadora, como “saber o clima do estádio, informações da torcida, times e escalções”.

Entretanto, o pontapé para chegar até a atuação de correspondente exige mais do que qualificação. A humildade e disciplina destacam-se entre os fatores. Para ela, o mais importante é saber entrar no veículo de comunicação desejado, para depois ir se qualificando internamente até o cargo almejado.

Não pensem que vocês vão começar sendo estrela, repórter, apresentadora. Não, nada disso, vocês vão começar fazendo matérias, ajudando na produção. Vocês tem que ver o jeito de entrar, isso é o importante. vocês precisam estar lá dentro. A partir do momento que vocês estão lá dentro da emissora, do canal, vocês fazem testes para conseguir ir para outro patamar. (LOPES, 2021)

Por fim, outro suporte na vida de um comunicador que trabalha em outro país, é o *networking*⁹. O relacionamento é uma arma que joga a favor do profissional, como ferramenta que pode garantir notícias em primeira mão e atualizações constantes sobre atletas, competições e entidades. Referente a isto, Lopes cita a diferença de entrevistar um atleta já renomado e um jovem das categorias de base. Para ela, o atleta que ainda não despontou na categoria profissional, geralmente pelo fato de não ser conhecido, não tem muita intimidade com as câmeras, assim como não se conhece quase nada sobre ele. Aí entra a importância do assessor de imprensa, que pode contribuir com dicas para um jogador da base, que corresponda de uma maneira descontraída para a entrevista, do mesmo modo que se encaixe ao estilo das perguntas (LOPES, 2021).

3.4 Vivências profissionais de ex-correspondentes

⁹ Networking é o nome dado à capacidade de trabalhar com uma ampla rede de contatos.

Entretanto, há profissionais que embora não atuem mais no ramo, tiveram a oportunidade de provar da mesma experiência. Neste caso, estão Cássio Barco e Carina Ávila.

Representante do grupo Globo em Barcelona, entre 2014 e 2015, Barco exerceu o trabalho de correspondente ao acompanhar os jogos da Liga dos Campeões. A principal competição de clubes da Europa, fez com que ele se mudasse para a cidade catalã, logo após a final da Copa das Confederações, de 2013. Ele responsabilizou-se pela produção, gravação e edição das reportagens, para reprodução no SporTV e GloboEsporte. Dependendo da rotina, o jovem encarregava-se de acompanhar os jogos da Liga Espanhola, ao construir materiais pré e pós-jogo, para a emissora brasileira. Embora a tevê nacional não portasse os direitos de transmissão do campeonato espanhol, apostava em algumas produções de Barco. Mas, foi a *Champions League* que ganhou os olhos do repórter, ao fazer com que o brasileiro estivesse nas coletivas de imprensa pós-jogo, com os técnicos e capitães das duas equipes: “Os caras são super receptivos, ao contrário daqui (Brasil). Aqui você tenta marcar uma entrevista com o jogador e é impossível, ainda mais na casa do cara. Lá eles eram meio carentes, então topavam” (BARCO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 42).

O bate-papo com os jogadores foi uma ação que chamou atenção de Barco, justamente pelo rendimento nas suas produções. A acessibilidade e recepção dos atletas facilitava bastante o seu trabalho. Outra questão destacada, são as diretrizes políticas e culturais entre Barcelona e o restante da Espanha. Ele explica que por localizar-se na Catalunha, a cidade tem governo regional autônomo, o que acarreta na preservação cultural diante do restante do país, principalmente em termos linguísticos.

É bizarro, porque os caras vivem uma guerra política entre Madrid e Barcelona que os clubes compram. Se não te conhecem, acham que você pode ser um espião de Madrid, então eles só deixam entrevistar um jogador quando era um jornalista catalão. Tinha um favorecimento de informações nas entrevistas. (BARCO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 44)

Barco ingressou no grupo Globo em 2013, quando foi videorepórter no *site* globoesporte.com. Naquele ano, o portal foi convidado pela Adidas para cobrir a final da Liga dos Campeões da temporada 2012/2013, entre Bayern de Munich e Borussia Dortmund, no estádio Wembley. Consequentemente, Barco foi convocado para realizar a cobertura. Em 25 de maio de 2012, após já estar em Londres, Neymar foi anunciado pelo Barcelona, após negociação com a equipe do Santos. O acerto contratual foi tão importante, que desencadeou

uma mudança em sua trajetória, fazendo com que suas atenções fossem redirecionadas à transferência catalã. Ele conta que na época, seu chefe ligava pedindo para que deixasse a reportagem da final da *Champions* e partisse rumo à Catalunha (BARCO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019). Na sequência, as coisas melhoraram. Fontes, contatos e aproximações com a imprensa foram alguns pontos que se conectaram à vida do profissional, depois da chegada do craque brasileiro à Espanha.

Por outro lado, além do futebol, Barco vivenciou temáticas um pouco diferentes do que estava acostumado a produzir. No dia 24 de março de 2015, um avião que carregava 150 passageiros caiu na França, causando a morte de todos tripulantes. O voo saía de Barcelona e partia em direção a Düsseldorf, na Alemanha. Neste dia, Barco fez a cobertura do acidente para uma reportagem no Jornal Nacional. Foi a primeira vez em que o jornalista atuou fora da editoria de esportes. Em 2015, retornou ao Brasil para apresentação de uma nova proposta da Rede Globo. Desde então, ele participa de transmissões dos jogos do futebol brasileiro, além de fazer reportagens para o Globo Esporte.

Assim como Barco, a ex-editora, produtora e repórter da TV Globo, de 2018 a 2021, em Brasília, Ávila teve parte de sua trajetória dedicada ao setor internacional. Responsável pela cobertura da seleção islandesa, em 2018, foi a primeira correspondente internacional brasileira na Islândia. Em 2017, por meio de um processo seletivo, foi selecionada pela 5ª edição do “Passaporte SporTV”, para trabalhar na cobertura da Copa do Mundo de 2018, na Rússia.

Autora do livro “Touros, "tapas" e meias pretas: Crônicas de uma brasileira em Sevilha”, Carina passou por seis meses de processo seletivo e foi uma das seis aprovadas, entre cinco mil inscritos de todo país. Ela revela na palestra ‘Uma mulher na terra do gelo: conhecendo uma nova cultura por meio do futebol’, também no curso da THE360, que entre as 10 provas inseridas no processo, 3 eram de inglês. “Um dos pré-requisitos era ter três anos de formado, o inglês fluente e pelo menos outro idioma intermediário” (ÁVILA, 2021). Segundo ela, o idioma foi fundamental e decisivo para ela, assim como é na vida dos comunicadores. Após chegar na Europa, dedicou um bom tempo para conhecer o país. Ela conta que um dos pedidos da produção do SporTV, era para que focasse nas reportagens, já que não teria que fazer tantas entradas ao vivo, em razão da falta de conteúdos factuais para o povo brasileiro.

Quando eu cheguei lá na Islândia, no meu primeiro dia, eu fui no mercado e eu pensei, eu preciso me atualizar, eu preciso saber tudo que está acontecendo aqui, tudo que a mídia islandesa tá falando. E aí fui no mercado e comprei um monte de jornal. Tudo que era jornal que tinha alguma coisa de futebol, de seleção eu fui comprando. Só que todos os jornais em islandes, e eu cheguei em casa e fui tentar passar tudo, letrinha por letrinha para o Google Tradutor e tentar traduzir o que as reportagens estavam dizendo. Até que eu achei uma reportagem muito legal, falando sobre os valores dos jogadores islandeses, mostrando que o jogador mais valioso da seleção islandesa, que é o Gylfi Sigurðsson, camisa 10, ele vale mais de 100 milhões a mais do que o segundo mais valioso. Que se você somasse todos os outros jogadores não dava o preço que o Gylfi valia. (ÁVILA, 2021, online)

Segundo a jornalista, ela encaminhou a notícia para o editor do “Redação SporTV”, como possibilidade da matéria ser transmitida. No dia seguinte, foi direcionada a realizar uma entrada ao vivo com o canal brasileiro. Além de seu objetivo tradicional ligado ao futebol islandês, Ávila salienta que sempre sugeria pautas, já que por estar situada num país desconhecido, “tudo chamava atenção” e “tudo era novidade”. Em entrevista realizada em abril de 2021, com o autor do trabalho, em *live* no Instagram¹⁰, ela ressalta que realizava entradas ao vivo pelo menos duas vezes por semana, para comentar a respeito de ocorrências locais. Em razão de estar sozinha, ela se encarregava de assumir a função de vídeo repórter, ao ter que desempenhar várias tarefas até a edição do material pronto. Neste caso, foi destacada a necessidade que um profissional tem, de saber lidar sozinho com as mais variadas adversidades, ter bom conhecimento sobre o manuseio de equipamentos de gravação, além de proatividade e confiança.

Este está sendo o futuro, profissionais que sabem se virar. E você não precisa ser o melhor do mundo em edição de vídeo, incrível em captação de imagens, você precisa saber se virar. Você sabendo chegar em um lugar, encontrar uma história e preparar um material que mereça ser exibido, é o que será valorizado. A profissão de vídeo-repórter é algo que está crescendo muito, é o repórter que trabalha sozinho. Ser proativo, topar os trabalhos e se virar. Eu tinha que carregar 50 quilos de equipamento para todo lado, ficar congelando numa temperatura de -15 graus, para entrar ao vivo. E era isso, era mostrar que eu ia conseguir me virar e ia conseguir entregar o que eles queriam. (ÁVILA, 2021, online)

Por meio dos depoimentos prestados pela repórter tem-se uma noção da magnitude contida na capacidade de elaboração de histórias, independente do fato que o jornalista necessite noticiar.

¹⁰ Em entrevista realizada com o autor do trabalho, a jornalista, que foi a primeira correspondente internacional na Islândia, quando acompanhou os preparativos da seleção local para a Copa do Mundo de 2018, explica sobre suas vivências e desafios em um dos países mais desenvolvidos do mundo, em entrevista ao vivo realizada no Instagram do autor (@gsdvargas). 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CNV-mgGl4Yn/>>.

3.5 Rede Bandeirantes de Comunicação

Entre tantas curiosidades abarcadas na vida de um jornalista internacional, está a do trabalho não aplicado somente à uma editoria. Correspondente pelo grupo Bandeirantes de Comunicação, Felipe Kieling (Londres) é outro excelente exemplo de atuação com o encargo de acompanhar fatos, independente de quais sejam, sem fixar-se exclusivamente à uma categoria noticiosa. O brasileiro reside em Londres desde 2012, quando cobriu as Olimpíadas de Londres. De lá para cá, Kieling produziu uma série de reportagens sobre os mais variados assuntos, entre eles, pautas sobre o conflito entre Israel e Palestina, o Funeral do Príncipe Philip, Vacina de Oxford, além de campeonatos esportivos como Liga dos Campeões, Eurocopa, Copa do Mundo 2018, *Premiere League* e Roland Garros, onde entrevistou várias estrelas do futebol e do tênis. Entre elas: Gustavo Kuerten, Roger Federer, Serena Williams e Rafael Nadal. O comunicador é o principal nome do Grupo Bandeirantes, no que diz respeito à apuração de dados vindos do exterior. Embora more em Londres, não se limita às fronteiras do país e recorre à informações sobre toda Europa, assim como notícias factuais de países como Índia e China.

Uma das coberturas mais marcantes em sua trajetória foi em novembro de 2016, quando quatro ataques terroristas deixaram mais de 100 mortos em Paris. Como o acontecimento se deu na Europa, Kieling foi convocado para integrar o grupo de reportagem diante da tragédia. Frente à flexibilidade de trabalho com diferentes temáticas, ele diz não considerar esta transição um problema, já que o segredo para fazer notícia está na quantidade de informações.

A minha primeira cobertura de um evento internacional fora do esporte foi o atentado que aconteceu em Paris. E aí tem muita informação rolando, então fica mais fácil. Difícil mesmo é cobrir Bragantino e Portuguesa, terça-feira à noite, 0x0, sem história nenhuma. (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 69)

Desde o começo da pandemia, ele encarregou-se de apresentar ao Brasil as recorrências do novo coronavírus (Covid-19) no Reino Unido. Quarentena, estatísticas de vacinação, óbitos, leis e protocolos foram alguns pontos que o brasileiro estava sempre atualizando. Além de matérias, boletins e entradas ao vivo para televisão, ele também usou de

sua rede social para emitir conhecimentos gerais, já que ele próprio cita em sua biografia do *Instagram*, “utiliza os stories para informar e opinar”.

Já no esporte, o futebol ganha destaque na carreira do jornalista. No dia 8 de março de 2017, no confronto de volta entre Barcelona e Paris Saint Germain, válido pelas oitavas de final da Liga dos Campeões, Kieling conta que chegou ao estádio cerca de seis horas antes do jogo para fazer imagens e abastecer os programas da Band com entradas ao vivo. Ele relembra que foi uma experiência marcante, não só pela vitória de 6x1 da equipe catalã, mas por ter coberto uma das partidas mais icônicas do campeonato no século. Portanto, em dias que não há jogo, o correspondente não tem uma rotina definida, o que o faz optar por receber sugestões de pautas do Grupo Bandeirantes. Segundo ele, fatores que podem parecer interessantes aos olhos da população britânica, podem não refletir o mesmo ao público brasileiro (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019).

Tem muitas coisas que passam despercebidas, que eu acho que não é relevante para o pessoal do Brasil, mas são. Tem outras coisas que eu antes achava que eram relevantes e hoje já não são mais. O importante é não se viciar, ter sempre o olhar brasileiro morando fora. (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 66)

Logo que as pautas são definidas, ele tem a missão de contextualizar os conteúdos apurados para o público brasileiro, com a intenção de evitar que as abordagens relacionadas ao exterior não sejam compreendidas. Logo, busca ser objetivo e simples em seus textos.

Eu acho que o jornalismo tem que ser simples e direto. Não é poesia, não é literatura, é notícia. O primeiro bom termômetro acaba sendo o editor, porque eu mando a minha matéria e meu texto para o editor no Brasil e, se o cara olha e fala “ih, não entendi isso aqui”, eu já falo “opa, se você já não entendeu, vamos mudar, tem que ser bem simples”. Mas se o editor pega, lê e entende fácil, dá para passar para o público”. (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 66)

Ele frisa que outro ponto que se deve ter cautela é referente aos contatos de assessoria de imprensa, decisivos na marcação de entrevistas. Conforme ele enfatiza, há vezes em que os assessores não estão preocupados com a TV do Brasil, o que torna normal ignorarem solicitações feitas por *e-mail*. Kieling ressalta que em razão de Londres ser uma metrópole mundial, onde agrega centenas de correspondentes de todo o globo, as informações são priorizadas aos profissionais locais. “São muitas TVs e jornalistas internacionais trabalhando

aqui, e quando você vai fazer um pedido de entrevista, já tem um monte na sua frente, outras pessoas muito mais relevantes para as pessoas daqui do que a imprensa brasileira” (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 67), acrescentou.

Por trabalhar em um veículo de comunicação na TV aberta, o brasileiro salienta que há especificidades em seu método de fazer notícia, referente à distinção entre os públicos de TV aberta e fechada.

Eu acho que na aberta você tem que ser mais simples, saber que está falando para empresário até analfabeto, então tem que atingir todo mundo. Na TV fechada você já tem um público mais específico, então você pode falar diretamente para ele. Você pode pular algumas etapas ou alguns pontos da matéria para se aprofundar mais em um assunto. (KIELING apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 68)

Kieling deu início em sua trajetória profissional aos 18 anos, quando integrou o Grupo Bandeirantes de Comunicação, como estagiário. Seguiu no setor até que, aos 22 anos, tornou-se um dos principais repórteres da emissora, ligado ao programa esportivo Jogo Aberto. Porém, ao levar em consideração sua paixão antiga de viajar e operar com imagens, Kieling almejou dar vida a seu antigo interesse. Foi aí que em 2011, com 24 anos, o jovem comunicou a seu chefe que gostaria de morar fora e que arcaria com as despesas frente à aquisição de equipamentos de filmagem. Após questionar o interesse dos chefes da emissora local, afirmou que caso recebesse um “não”, buscaria a oportunidade em outro veículo brasileiro. Consequentemente, a porta foi aberta para trabalhar no exterior com a realização das Olimpíadas de Londres, em 2012. Pelo motivo da Band portar os direitos de transmissão, Kieling partiu em direção ao exterior, onde começou sua trajetória no departamento em que se encontra trabalhando até hoje.

Ainda no Grupo Bandeirantes, Eduardo Barão atua como correspondente em Nova Iorque. Antes de juntar-se à Band, trabalhou na Agência Estado e na Rádio Jovem Pan. Embora tenha tido passagem por outros veículos, trabalha na BandNews FM desde a sua estreia, em 2005, onde foi chefe de redação e da equipe de esportes, além de âncora do BandNews TV, tendo como parceiro de profissão por um longo tempo, o falecido jornalista, Ricardo Boechat. Atuou, também, como comentarista de basquete no canal. Atualmente, é âncora do BandNews Station.

Barão é outro repórter com atuação internacional que não se dedica exclusivamente ao esporte. Entre algumas pautas factuais que cobriu, destacaram-se: as eleições dos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff e do atual presidente, Jair Bolsonaro. Responsabilizou-se pelo acompanhamento do impeachment da ex-presidente Dilma, além de Copas do Mundo e Olimpíadas. Esteve presente nas tragédias de Brumadinho e Mariana, nos ataques à escolas de Realengo, no Rio de Janeiro, e Suzano, na Grande São Paulo. No exterior, cobriu as eleições de Barack Obama e Donald Trump nos Estados Unidos, além da pandemia do coronavírus (Covid-19). É responsável por levantar pautas e dados político sociais do Brasil e dos norte-americanos.

Entretanto, Barão já encarregou-se de cobrir esportes no exterior. O maior exemplo foi a National Basketball Association (NBA), competição de basquete mais popular do mundo, que o brasileiro acompanhou por vários anos, cobrindo inúmeras decisões, sendo quatro finais de NBA em quadra. A mais recente, na Bolha de Orlando (nome dado à zona de isolamento com regras criadas pela NBA, para proteger atletas dos times da liga durante a pandemia na temporada de 2019-20), em 2020, nas finais entre Los Angeles Lakers e Miami Heats. Torcedor do São Paulo e do Golden State Warriors, Barão complementa uma equipe de correspondentes internacionais postados pelo Grupo Bandeirantes.

Além dele e Kieling, Mariana Becker é outro nome que não poderia ficar de fora desta lista. Gaúcha de Porto Alegre, a jornalista é reconhecida pelas inigualáveis coberturas de Fórmula 1 (F1), integrando a área do automobilismo. Mariana esteve 27 anos no Grupo Globo, responsável pela modalidade como repórter oficial da categoria. Em 2020, trocou a emissora pelo Grupo Bandeirantes, após ter o contrato encerrado devido à perda dos direitos de transmissão do esporte pelo grupo global.

Eu consigo mostrar o que a gente está vivendo para trazer a informação para as pessoas, que não é uma coisa que vem numa cartilha. Antes, o bastidor ficava muito escondido e você só recebia o presente pronto. Hoje, a pessoa pode ver o presente sendo feito: a pesquisa, a compra, o embrulho. Tem todo esse processo até que a pessoa recebe a informação que ela quer. Acho que as pessoas se sentem mais envolvidas. (BECKER, Uol Esportes, 2021)

Durante sua trajetória pelo ramo automobilístico, Mariana já entrevistou personalidades como: Lewis Hamilton, Max Verstappen, Lando Norris, Mick Schumacher, Esteban Ocon e Charles Leclerc. Fazem parte de seu histórico de coberturas os Grandes

Prêmios (GP) de Bahrain, Mônaco, Sakhir, Toscana, Espanha, Portugal, Ímola, Abu Dhabi, Nurburgring, Itália, Áustria, Rússia, Brasil, entre outros.

A Fórmula 1, sem dúvidas, é um tubo de ensaio para os eventos em geral, porque congrega gente do mundo todo. E essa gente viaja por diversos países. Por isso, há um protocolo bem rígido -- e que pode ser chato, em alguns momentos, mas é o que temos. É isso ou não faço o meu trabalho. Há muitas regras, e uma delas determina que só posso conviver com a minha bolha, que são as pessoas do grupo com quem trabalho: dois produtores e um cinegrafista. (BECKER, Grupo Uol, s.d.)

Semelhantemente aos demais casos, Mariana usa o recurso da fluência em diferentes idiomas. O italiano, inglês, francês, espanhol e o português acompanham-na em suas centenas de entrevistas em diferentes localidades do mundo. O japonês, igualmente, é de conhecimento, idioma que aprendeu após visitar mais de dezenas de vezes ao Japão. Como parte de suas viagens, ela sempre costumava ter uma companhia especial em seus trajetos, já que é casada com um de seus produtores, o que possibilita aprendizado da distinção entre o relacionamento profissional e pessoal nos trabalhos (BECKER, entrevista para o Grupo Uol, s.d.). Ela relata que enquanto na Globo, pôde experienciar tal situação de maneira frequente em meio às coberturas.

Nas viagens a trabalho, ficamos em quartos separados. A Globo paga um quarto para cada um. Chegamos muito cansados, temos pouco tempo para baixar a bola, tirar a tampa do estresse. É o tempo de comer e dormir. Então vai cada um para o seu quartinho, eu tomo banho, tenho tempo de me acalmar, ler, trocar de roupa. Depois, saímos para jantar, nos visitamos, namoramos, mas vai cada um nanar no seu canto. (BECKER, Grupo Uol, s.d.)

Desde que a gaúcha passou a residir na Europa, além da F1, ela também já produziu outros conteúdos esportivos. Chegou ao Grupo Globo em 1994, antes de ser transferida para o Rio de Janeiro, em 1995. Já em 2008, substituiu João Pedro Paes Leme no automobilismo. Não é de hoje que Mariana é um dos principais nomes femininos na reportagem esportiva brasileira, o que se justifica por meio de suas coberturas e por comandar em suas redes sociais, a atração #GuriaBoaEssa, onde destaca mulheres no esporte, com episódios semanais.

3.6 O radiojornalismo no mercado de correspondentes

Mas, quem disse que a televisão é o único nicho ocupado por correspondentes de esportes? O rádio é outro veículo de informação que conta com o auxílio de repórteres para levar pautas factuais além das fronteiras europeias. Um dos nomes associados à área, é Ulisses Neto, jornalista internacional em Londres, vinculado à rádio Jovem Pan. Com desejo de trabalhar no exterior, o brasileiro começou sua relação com o rádio em 2005, ainda na faculdade, época em que a referida emissora havia instalado uma cátedra em sua universidade. A ação fazia parte de uma parceria, para que alguns estudantes fossem para a redação praticar um curso. Felizmente, Neto conseguiu um estágio e foi escolhido pela Jovem Pan para seguir trabalhando na rádio escuta da empresa. Posteriormente, pelo fato de ter o domínio da língua inglesa, ele foi transferido para a editoria internacional, e logo para a função de editor internacional, onde atuou por cinco anos (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019). Em 2010, sua esposa foi transferida para Londres, o que acarretou na sua mudança por conseguinte. Consequentemente, a Jovem Pan já tinha um correspondente internacional na Europa. Tratava-se de Reali Júnior, jornalista brasileiro que morava na capital francesa e que trabalhava em *O Estado de S.Paulo*.

Logo, Neto passou a trabalhar de *freelancer* na editoria de economia, para veículos, como: Terra, Estadão, Valor Econômico, entre outras revistas. Em 2015, ousou tentar ir para o vídeo quando operou junto ao Esporte Interativo. Porém, ele só veio a ter mais certeza da sua vocação para o rádio.

Na época, achei meio doídera porque não tinha reportagem alguma, era só entrada ao vivo falando durante cinco, seis minutos. Vi que não era para mim, não quero ficar falando ao vivo sem parar. Hoje em dia vejo que as outras emissoras são iguais. A Globo e a ESPN fazem isso, virou uma tendência. No *The Players' Tribune*, tenho a oportunidade de construir uma narrativa mesmo, contar uma história diversificada, produzir algo mais sólido. (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 122)

Hoje, segue na Jovem Pan trabalhando como correspondente internacional de rádio, onde além de buscar fontes e consumir notícias locais, consome uma hora para escrever o comentário diário para o Jornal da Manhã, às 7h30 no Brasil. E além de seu encargo tradicional, ele participa também de outros dois empregos. Um deles é o “Correspondentes Premier”, *podcast* formado por outros jornalistas brasileiros da Inglaterra, como Castelo Branco (ESPN), Gedra (ESPN) e Renato Senise (Rede TV e DAZN). Nele, as abordagens giram em torno das partidas da Liga Inglesa de futebol e outros tópicos relacionados a ela.

Ademais, Neto integra também o *The Players' Tribune*, plataforma que oferece materiais escritos por atletas de elite, mas produzidos por funcionários especializados nos assuntos discutidos. O objetivo é dar voz a ex-jogadores, que após darem seus depoimentos, têm suas falas analisadas por um *ghostwriter* (profissional especializado que edita e escreve os textos em nome de outro colaborador), que as publica em primeira pessoa (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019).

Além dos textos, Neto teve oportunidade de lidar bastante com o audiovisual, ao ter contato com o manuseio de câmeras e a produção de vídeos para o seu histórico no *The Players' Tribune*. Referente à isto, o brasileiro conta que obteve uma sequência de produções que foram destaques, ao contarem com estrelas do basquete e do futebol.

A que mais destacou foi uma série que fizemos para a Nike. Com o anúncio de MVP da NBA do Giannis Antetokounmpo, fizemos um comercial daqueles, “Just Do It”, de um minuto, que conta a carreira dele em cinco episódios. A história do cara é muito boa, interessante. Ele é filho de imigrantes nigerianos, mas nasceu na Grécia e vendia bolsas e relógios falsificados em Atenas para ajudar a família quando era moleque. (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 121)

Além de Antetokounmpo, também foram produzidos materiais audiovisuais para atletas como Neymar, Daniel Alves e Kevin De Bruyne. Esta última, uma das favoritas de Neto. “Ele se abriu demais, contou umas histórias legais da adolescência dele e essa entrevista repercutiu muito, aqui. Você sabe quando o cara se abre. Ficamos duas horas na casa dele, foi como uma sessão de terapia” (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 121), lembrou.

Previamente ao *The Players' Tribune*, Neto já havia trabalhado para a revista inglesa, *Four Four Two*, direcionada à entrevistas com atletas e listagens repletas de estatísticas, como por exemplo: “As 50 camisas de clubes mais bonitas do mundo”. O jornalista encarregava-se de elaborar vídeos, o que o possibilitou construir produtos com Ronaldo Nazário, Gabriel Jesus e Lionel Messi. Mas, para quem acha que trabalhar no exterior são só flores, é um grande engano. Neto conta que um dos contratemplos vivenciados por ele em sua trajetória, foi quando viajou a Madri, para entrevistar o lateral “merengue” Marcelo, para a *Four Four Two*. Após chegar no Centro de Treinamento do Real Madrid, Neto montou todo equipamento de gravação, onde ficou no aguardo do jogador. Após a chegada de Marcelo, a pauta veio a cair, em razão de um mal entendido da assessoria de imprensa do clube madrileno.

A hora que ele sentou e viu as câmeras, perguntou de onde era e eu disse que era para a *Four Four Two*. A partir daí, ele começou a me ignorar, falou que não ia fazer reportagem em vídeo, arrancou a lapela e foi para o vestiário. Eu fiquei de cara, porque de fato eles (assessores) não falaram que ia ser uma entrevista em vídeo, disseram que seria uma sessão de fotos. Era direito dele não querer fazer, mas eu fiquei meio assim: “poxa, vim até Madrid”. Mas depois fiz uma entrevista, ele foi super de boa. (NETO apud BARBOSA, ANDRADE E RODRIGUES, 2019, p. 122)

3.7 Perfis profissionais de correspondentes brasileiros

Todavia, depois de se conhecer diferentes realidades de pessoas atuantes na área da correspondência internacional, é possível observar que de todas características apresentadas individualmente, há pontos que se destacam em todos os casos. Na maior parte das vezes, o jornalista internacional define as próprias pautas, assim como deve portar de um conhecimento aprofundado da realidade de onde está situado, a fim de expor fatos detalhados e factuais para o país de origem. Segundo o artigo “Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros”¹¹, publicado na ‘Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia’, em 2015, foi realizada uma pesquisa com foco na intenção de discutir as principais características do perfil profissional de cada jornalista.

O questionário foi realizado entre 2013 e 2014, ao serem encaminhados 92 *e-mails* com convites de integração ao processo. O público alvo foi dividido em dois grupos: 54 para correspondentes com atuação no século XXI e 38 para os que exerceram a atividade no século XX. Participaram do levantamento 34 pessoas, equivalente a 37% de adesão. Do total de respostas obtidas, 19 jornalistas seguiram atuando como correspondentes, e em contrapartida, 15 haviam se ausentado do setor de atuação. Foi constatado que 12 assumiram o cargo pela primeira vez entre 1970 e 2000, enquanto nove iniciaram entre os anos de 2001, 2010 e 2013.

Entre os correspondentes veteranos participantes da pesquisa, foram contabilizadas 34 respostas, sendo delas, 11 mulheres. Deste mesmo total, 28 respondentes eram de nacionalidade brasileira, enquanto que seis possuíam dupla nacionalidade (quatro com nacionalidade europeia, um asiático e um africano). Entre eles, 29 declararam-se filhos de brasileiros, enquanto cinco afirmaram que pelo menos um dos progenitores eram naturais de

¹¹ Artigo ‘Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros’, publicado na ‘Revista Famecos - mídia, cultura e tecnologia’, por Luciane Agnez e Dione Moura. Disponível em: [<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/19430/13240/>](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/19430/13240/).

outro país. Por fim, ao apurar informações referentes aos grupos raciais, identificou-se que: 30 se declararam “brancos”; dois preferiram não responder; um se autoafirmou “pardo” e um “amarelo”. Já sobre a formação profissional, 28 revelaram ter graduação em jornalismo, cinco em outros cursos e um declarou-se sem nível superior (15 não cursaram nenhuma pós-graduação, sete são especialistas, nove são mestres e três doutores). Outro ponto levantado na pesquisa, foi sobre o tipo de veículo de comunicação onde cada um trabalhou. A partir das respostas, obteve-se que: 25 trabalhavam em algum momento para jornais; 19 para televisão; 18 para internet; 15 para rádio; 11 para revistas; oito para agências de notícias.

A pesquisa é mais um modo de explorar as diversidades inseridas no âmbito da profissão, de modo a exibir diferentes nichos jornalísticos com profissionais atuantes em diversas localidades do planeta. “O jornalismo internacional está sujeito a uma série de rotinas e práticas, até mesmo burocráticas, que evidenciam que esse glamour está mais presente na visão de colegas, leitores e amigos do que, de fato, na vida profissional destes jornalistas” (AGNEZ, 2014 apud AGNEZ E MOURA, 2015, p. 58), concluem Luciane Agnez e Dione Moura, autoras da obra.

Fruto destas características devem-se às transformações da esfera de correspondentes que cresceu ao longo dos anos. Diante de todo processo evolutivo citado, pode-se destacar: anos 50 - marcado por fortes narrativas, relatos e vivências de participações heróicas como “testemunhas oculares da história”. Período lembrado pelo uso de cartas, telégrafos e telex, como método de encaminhar as notícias para a redação; anos 60 - fortalecimento da televisão como principal veículo do país. Mesmo com a censura militar da época, desbravava-se uma crescente na economia nacional, o que possibilitou o suporte de comunicadores internacionais do Brasil, no exterior; anos 70 - reconhecida pelo avanço tecnológico e pela mudança do padrão na escrita dos textos nas redações; após os anos 80 - empresas nacionais de mídia passam por impactos de crise econômica, o que resultou na substituição do número de jornalistas internacionais empregados, por tecnologias caracterizadas pela instantaneidade na transmissão de dados (CASTRO, 2006).

Nota-se o aumento na produção de notícias e a velocidade com que a mesma chega até o público, principalmente quando se fala em jornalismo internacional, em que o papel do correspondente vai da “apuração” até a “divulgação”. As categorias política e econômica mantiveram diversos nomes ligados ao ramo. Já o esporte passa a se reinventar, principalmente após o século XXI, quando a criação de novos veículos televisivos, com o

foco exclusivo ao assunto, torna a editoria mais oportuna para quem almeja trabalhar no exterior.

Frente a estas alterações, o jornalismo ficou mais versátil ao oferecer para o profissional novas rotas de trabalho com a revolução da internet. Entrevistas presenciais tornam-se dinâmicas remotamente e apurações pessoais transformam-se em telefonemas. Reportagens e matérias são transmitidas a baixo custo até as redações tornarem-se acessíveis para pessoas de diferentes países. O trabalho à distância também acarretou em resultados positivos, ao fazer o público reinventar-se e procurar outros modos de exercer a mesma função. O esporte passou diretamente por estas transformações. Narrações e comentários esportivos em jogos ao vivo começaram a ser feitos de casa, via *streaming*, assim como programas de mesas-redondas onde o recebimento de convidados de outros países, pode ser facilmente viabilizado, sem a necessidade de deslocamento para integrar um grupo de bate-papo.

Desde os anos 50, quando os jornais do Brasil passaram a ser escritos com o padrão americano, o texto, a hierarquização e organização do que “era notícia”, deram o pontapé inicial a uma série de novas adaptações no método de “fazer jornalismo”. As recém adquiridas tecnologias permitiram grandes avanços na transmissão das reportagens, assim como ter a possibilidade de estar conectado a mais vozes e pontos de vista sobre um fato. Exemplo disto, é a marca atingida pela imprensa brasileira, que segue a utilizar três ou quatro das maiores agências de notícias mundiais, como a AFP, a Reuters, a EFE e as emissoras CNN e BBC (CASTRO, 2006). Percebe-se o grande número de opções informativas para falar de um assunto, quando correspondentes e agências utilizam para a mesma pauta, diferentes imagens e sonoras entre si. A informação básica hoje é adquirida em milhares de portais e sites na rede. Portanto, segundo Castro (2006), a exclusividade de informações audiovisuais torna-se o diferencial quando permanece ligada ao furo noticioso ou com materiais de autoria própria, ao transmitir imagens coerentes, mas distintas do que o restante que a mídia utiliza. Manter funcionários de qualidade no exterior é caro para algumas empresas jornalísticas, porém, o material elaborado é melhor, e os beneficiados são leitores e telespectadores.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A partir da escolha dos Jogos Olímpicos 2021 como objeto de estudo, a natureza de pesquisa qualitativa foi utilizada, pois o trabalho refere-se a um estudo de jornalistas pertencentes a duas emissoras, em um caso de cobertura esportiva internacional, como temática para o Trabalho Final de Graduação. Segundo Gil (2009), esta metodologia adota três segmentos de base analítica de dados: redução, apresentação e conclusão. No primeiro tópico é onde se encontram os processos de seleção e simplificação de conteúdos apurados no trabalho de campo. Já a apresentação baseia-se na estrutura dos materiais selecionados, de modo que possibilite uma investigação sistemática entre suas semelhanças e diferenças. E por fim, a conclusão é o que adota a releitura do que foi mapeado, como alternativa de considerar as regularidades, padrões e explicações da coleta de dados.

Gil (2009) considera o estudo de caso como uma investigação aprofundada acerca de um objeto em específico, com ênfase em uma análise ampla e detalhada. Referente ao método citado, o autor destaca alguns pontos como parâmetros para a realização de um molde de pesquisa: explorar momentos da vida real, onde os limites não estão perceptivelmente descritos; retratar a situação do contexto onde a investigação ocorre; e contextualizar as variáveis causais de um fenômeno, que não viabiliza o uso de levantamentos de informações. Barros e Duarte (2009) consideram o estudo de caso como provedor de técnicas e ferramentas para a separação de registros informativos. É enfatizado em sua obra, que a metodologia nada mais é que “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo” (YIN, 2001, p.32, apud BARROS E DUARTE, 2009, p. 216).

Já na elaboração de entrevistas, Gil (2009) aponta a metodologia semi-estruturada como técnica possibilitadora de uma conversação livre sobre o tema central, entre entrevistador e entrevistado, desde que não saiam do assunto, enquanto define como estruturada, o estilo de entrevista que engloba uma relação fixa de perguntas de ordem direta e invariável. Os autores Barros e Duarte (2009) acrescentam que no caso da semi-estruturada, ela tem origem no problema de pesquisa e objetiva abordar a amplitude de uma temática em específico, para que cada questionamento seja formulado da maneira mais aberta possível.

Com embasamento nos conceitos definidos pelos referidos autores, optou-se por realizar um estudo de caso sobre os Jogos Olímpicos 2021, por meio de um mapeamento de dados entre pré e pós cobertura, pelos canais SporTV e BandSports. A metodologia de

apuração consistiu na observação das rotinas produtivas de cada emissora (programas e reportagens relacionadas às Olimpíadas) e de jornalistas enviados especiais (stories no Instagram e publicações no Twitter), de modo a auxiliar na coleta de informações ligadas às suas logísticas de trabalho em Tóquio. O mapeamento foi realizado com finalidade de apurar o máximo de dados referentes à reportagem e bastidores, desde a pré, até a pós-cobertura.

Além dos registros levantados durante os três turnos diários, do dia 8 de julho a 10 de agosto, alguns questionamentos obtiveram respostas por meio do contato com algumas das enviadas ao longo das Olimpíadas, em rede social. Entre elas, Karine Alves respondeu algumas dúvidas sobre a produção jornalística no Japão, ao utilizar a ferramenta “caixa de perguntas”, para viabilizar a interação com os seguidores ao vivo nos stories do Instagram.

Após o encerramento do evento desportivo, o contato com todos os enviados especiais foi considerado outro método de apuração. Foram elaboradas perguntas para a realização de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, com o propósito de coletar mais informações referentes aos protocolos de saúde e trabalho de cobertura realizados no Japão. Para fins deste estudo, foram separados os seguintes questionamentos para ambos estilos de entrevista:

Procedimentos Sanitários em Virtude da Covid:

1. Como foi estabelecida a quarentena e os protocolos de saúde ao chegar no Japão? Havia regras a serem cumpridas até o último dia?
2. Quais protocolos de saúde deveriam ser seguidos nos momentos de entrevistas com atletas (Vila/Arenas)?

O Trabalho de Cobertura

1. Você já havia trabalhado como jornalista enviado em outras coberturas esportivas internacionais? Caso sim, quais?
2. Como ocorreu o processo de seleção entre os jornalistas que foram trabalhar na cobertura em Tóquio? Estar vacinado foi um requisito?
3. Como eram as rotinas produtivas? Havia algum roteiro a ser seguido?
4. Referente ao Gatekeeper, como poderia ser descrito o algoritmo de coleta, seleção e produção de conteúdo? De que modo os materiais que iam ao ar eram escolhidos?

5. Em média, quantos VTs você gravava por dia? Havia alguma exigência para a produção (número de entrevistas, tempo...)?
6. Jornalisticamente, o que você destacaria como desafios e vivências gratificantes experienciadas como repórter nestes Jogos Olímpicos? Há alguma reflexão que esta cobertura tenha te proporcionado e que você gostaria de repassar às pessoas?

Os nomes de todos os jornalistas enviados do SporTV e BandSports (assim como dos que eu entrevistaria) foram separados junto das perguntas, em um diário de campo utilizado para transcrever todos os registros. Entre os nomes, estiveram: André Gallindo, Carlos Gil, Carol Barcellos, Diego Moraes, Edgar Alencar, Guilherme Pereira, Guilherme Roseguini, Kiko Menezes, Lizandra Trindade, Marcelo Courrage, Pedro Bassan, Bárbara Coelho, Alves, Amanda Kelstman, Tiago Medeiros, Erick Faria e Julia Guimarães, pelo SporTV; Elia Júnior, Glenda Kozlowski, Thiago Kansler, Marcelo Rosemberg e Caio Capatto, pelo BandSports. Com o SporTV, a intenção foi conversar ao menos com uma flecheira¹² e um repórter¹³, entre os encarregados destas funções. Já no BandSports, apenas um enviado já seria suficiente, em razão de todos terem assumido ambos papéis durante a cobertura.

As primeiras opções de entrevista giraram em torno do contato com as próprias emissoras, por meio de telefonemas, envio de e-mails e mensagens por números de Whatsapp disponibilizados nos websites dos veículos de comunicação. Após não ter obtido retorno, a alternativa foi contatar o Whatsapp do editor-chefe dos programas ‘Tá na Área’ e ‘Seleção SporTV’, Carlos Eduardo de Sá. Novamente sem retorno, optou-se por chamar cada um dos jornalistas em suas redes sociais. Após o encaminhamento de mensagens, os seguintes enviados se propuseram a explicar as questões selecionadas: Gallindo, Barcellos, Courrage, Gil e Kansler. Contudo, não foram todos que retornaram os questionamentos. Até o final do contato, encaminharam as respostas: Gil e Kansler.

Cada estilo de entrevista foi utilizado de maneira única com cada um dos entrevistados. Formulou-se como modelo de entrevista estruturada, uma série de perguntas de ordem invariável que direcionou o entrevistado, Carlos Gil, a responder as perguntas por contato via e-mail, o que não possibilitou tanta abertura no diálogo. Já no caso da construção

¹² Auto-atribuição dada pelas jornalistas encarregadas de fazer as entradas ao vivo em Tóquio, com boletins gerais sobre os Jogos Olímpicos 2021.

¹³ Jornalistas que ficaram encarregados de cobrir um esporte em específico durante as Olimpíadas. Eram encarregados da produção de VTs e participação nas transmissões ao decorrer das modalidades.

do modelo semi-estruturado, junto do jornalista Thiago Kansler, pôde-se realizar uma conversa mais ampla pelo chat do Instagram, onde os questionamentos eram respondidos e esclarecidos conforme novas dúvidas do autor, ao aproveitar-se a acessibilidade da plataforma.

5. ANÁLISE

5.1 SporTV

Inicialmente, é importante apresentar o modo com que o SporTV realizou a pré-cobertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Do dia 8 a 19 de julho, a estrutura de programação foi anunciada a fim de exibir o que iria ser adotado para a realização da cobertura. Entre alguns comunicados emitidos, estiveram: a adesão do SporTV 3 e SporTV 4, exclusivamente dedicados às transmissões das Olimpíadas; SporTV 2, com transmissões olímpicas e de outros campeonatos do Brasil; e o SporTV 1, que além das transmissões, apresentou telejornais, programas de mesa redonda, junto a reportagens e entradas ao vivo realizadas pelos enviados especiais. E com a finalidade de contar com grandes nomes do esporte brasileiro, ex-atletas passam a compor as bancadas de alguns quadros, como foi o exemplo do ‘Ohayo Tóquio’, idealização dedicada ao debate e à repercussão de boletins apurados pelos enviados.

O canal contou com um vasto grupo de jornalistas, produtores, editores e técnicos que viajaram ao oriente. Em cada equipe, cada comunicador encarregou-se das seguintes modalidades: Gil (Ginástica Artística); Alencar (Judô); Pereira (Surf); Roseguini (Natação e Atletismo); Menezes (Skate); Trindade (Futebol Feminino); Courrege (Vôlei de quadra); Bassan (Canoagem); Faria (Futebol Masculino); Guimarães (Vôlei de areia). Além deles, Diego Moraes assumiu alguns estilos de artes marciais, e Gallindo, tênis de mesa e outras modalidades de modo mais amplo. Já Alves, Barcellos, Coelho e Medeiros assumiram o papel de flecheiros, destinados a fazer as entradas ao vivo, com boletins diários até o final da competição.

Após a chegada dos enviados ao Japão, os protocolos de saúde foram aplicados a todos os jornalistas, de maneira obrigatória. Além dos registros audiovisuais compartilhados nas redes sociais de alguns deles, Coelho, em uma das suas entradas ao vivo no Esporte Espetacular, revelou em primeira mão a rotina dos dias de confinamento dentro dos quartos no hotel, com a realização de testagens periódicas de Covid, por meio de um exame antígeno com coleta de saliva, o qual foi repetido até o final do evento. Todo registro das testagens era feito no aplicativo OCHA, monitorado pelo governo japonês, que exigia preenchimentos de temperatura, relatórios de saúde e atividades, caso o enviado pudesse ter entrado em contato

com terceiros que tivessem sintomas da doença. As restrições jornalísticas estenderam-se nos 14 primeiros dias, período em que foi proibido o uso de transporte público (somente uso de vans com motoristas particulares) ou restaurantes. Só foram permitidos cafés da manhã nos quartos e saídas do hotel por 15 minutos, dedicadas à compra de alimentos.

Desde a chegada, os jornalistas foram submetidos a permanecer em confinamento nos quartos por 72 horas. Posteriormente, na fase dois de quarentena, mais 10 dias foram acrescidos, viabilizando o deslocamento apenas entre hotel e áreas de competição. Só após esse período houve a licença para circulação na cidade, contanto que fossem utilizados somente traslados particulares, como parte dos regramentos de segurança.

Os protocolos permaneceram ativos até o final, o que fez com que cada enviado usufrísse da criatividade para a produção de conteúdo, assim como para darem seguimento às suas rotinas de atividades físicas. Exemplo disso foi Gallindo, que registrou todo o percurso de viagem do Brasil até o Japão, trazendo curiosidades sobre o Monte Everest, visível pela janela do avião durante o trajeto. Ele também foi o responsável pela elaboração de pequenas matérias audiovisuais sobre o período de confinamento dentro do quarto de hotel, para contar um pouco como estavam sendo os primeiros dias em Tóquio.

Por outro lado, Gil, desde 2018 correspondente da Globo no Japão, e repórter nos Jogos Olímpicos, relatou outro modelo relacionado aos protocolos de saúde no seu caso. O jornalista, graduado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com passagem entre 2013 e 2014, como apresentador do Bom Dia Brasil e apresentador substituto do Globo Esporte, edição Nacional, também precisou se adaptar à rotina de checagens.

A quarentena foi diferente para mim porque sou residente. Tive que baixar dois aplicativos, sendo um deles para preenchimento diário obrigatório, com temperatura e detalhes sobre o estado de saúde. Além disso, desde o momento em que retirei a credencial até o início dos Jogos, precisei fazer testes de COVID (saliva) a cada quatro dias. (GIL, 2021)

Mesmo com vasta experiência esportiva, já tendo sido repórter especial em transmissões de Fórmula 1, Olimpíadas de Pequim, Copa das Confederações, Copa do Mundo e Eurocopa pela Globo, Gil não esconde o estranhamento com o trabalho desafiador em meio às limitações impostas pela Covid.

Com o passar dos primeiros dias na pré-cobertura, entradas ao vivo e gravações de VTs¹⁴ foram sendo realizadas, com o objetivo de levar ao público curiosidades e informações sobre as arenas olímpicas, acompanhar a chegada das delegações, assim como apurar todas novidades sobre possíveis casos de Covid. No total, foram aguardados 11 mil atletas que participaram da cerimônia de abertura. Mais de 80% dos 302 atletas do Time Brasil, além do restante da delegação, já foram vacinados para Tóquio. Vale ressaltar que a vacina não era requisito para participar da competição, ao levar em consideração os desportistas que não se imunizaram.

O SporTV contou com as redes sociais como grandes aliadas na divulgação de dados, tanto no Instagram como no portal de notícias na web. Outro ponto que auxiliou neste processo foram as curiosidades de bastidores gravadas pelos jornalistas em suas redes até o final dos Jogos, de modo a entreter e aproximar o público da cobertura. Entre eles, Alves e Coelho utilizaram massivamente suas contas no Instagram, ao interagirem com o público e responderem dúvidas sobre as metodologias de produção e curiosidades sobre os locais que conheciam.

A chegada antecipada possibilitou-os, nos primeiros dias, realizarem entradas ao vivo e fazerem reportagens, além de conhecer os estádios e arenas de Tóquio. Cada matéria ou boletim era selecionado para ser reproduzido em diferentes programas, mesmo que em certos casos, o mesmo VT tivesse reprise no mesmo dia. Exemplo: apresentação de manhã, no SporTV News; de tarde, no Globo Esporte (reprise ou não). As produções se intensificam do dia 17 em diante, quando as delegações passaram a chegar em maior escala, próximo da data de abertura das Olimpíadas.

Do dia 20 de julho a 8 de agosto, período que marcou a realização dos Jogos, Gil destaca que os testes contra Covid se tornaram diários e mais rigorosos, já que novos protocolos surgiram em razão dos jornalistas começarem a interagir com os entrevistados nas zonas mistas.

Entre alguns protocolos a serem seguidos na hora das entrevistas, estava o distanciamento obrigatório, com uso de hastes para os microfones: um para o

¹⁴ Abreviatura de videoteipe, a expressão designa o conteúdo de um tipo específico de produto, como uma reportagem gravada, para reprodução. Pode também designar a forma genérica de uma mídia editada, como uma reportagem, uma chamada ou uma matéria de jornal para TV.

entrevistado e um para o repórter, já que nós não podíamos estender o nosso equipamento na direção dos atletas. (GIL, 2021)

Gil salienta que o uso de máscara, a checagem de temperatura e a constante aplicação de álcool nas mãos na entrada de cada ambiente desportivo também foram obrigatórias. Ele explica que, como parte dos regramentos, cada um foi solicitado a realizar entrevistas curtas, controladas pela OBS (empresa que forneceu todos os serviços de televisão durante os Jogos).

Com o passar dos dias, a rotina dos enviados contabilizou um maior número de pautas, conforme o surgimento de novidades no dia a dia olímpico. Após o autor questionar como eram formulados os dias de trabalho com matérias pré-estabelecidas, na rede social de Alves, a repórter frisou que em decorrência da instantaneidade noticiosa ser muito acelerada, nada era definido antecipadamente 100%, pois os acontecimentos entre jogos e partidas mudavam constantemente. As produções passaram a ser realizadas de maneira mais intensificada com um maior número de VTs e boletins ao vivo para alguns programas, como: SporTV News, Tá na Área, Troca de Passes, Ohayo Tóquio, Redação SporTV, Bem Amigos, Globo Esporte, Bom Dia Brasil, Bom Dia SP, Fantástico e Esporte Espetacular.

De acordo com Gil, cada equipe recebia na véspera de algumas competições suas demandas de entradas ao vivo e reportagens.

Já havia sido previamente estabelecido a qual esporte cada um de nós seria dedicado em especial. Nem todas as modalidades duraram o evento inteiro, como foi meu caso, com a ginástica artística. A escolha das pautas para os outros dias poderia vir da chefia de reportagem ou ser sugerida pelos próprios repórteres, dependendo dos temas e atletas envolvidos na competição. Muita coisa planejada foi mudando ao longo dos Jogos. Por exemplo, eu cobriria uma eventual final do tênis caso a Naomi Osaka estivesse presente, pelo fato de ser japonesa e de tudo o que envolveu a vinda dela. Mas, por não ter avançado, não fomos cobrir a final feminina do tênis in loco¹⁵. (GIL, 2021)

A cada dia, o trabalho dos ‘gatekeepers’ tornou-se cada vez mais importante, devido à quantidade de materiais produzidos e ao número de transmissões o que, segundo Gil, são encargos distintos, pertencentes aos papéis de apuração, construção e divulgação da notícia:

¹⁵ Termo referente à realização de uma cobertura no local do evento onde acontece.

“No dia a dia em Tóquio, a chefia de reportagem local, composta por três jornalistas, era quem decidia, em conjunto com os repórteres, o que cobrir” (GIL, 2021). Logo, as divisões de demandas eram realizadas conforme os pedidos de cada telejornal no Brasil, de modo que os produtores de cada equipe selecionassem os locais das gravações. Já as transmissões ao vivo de cada modalidade eram necessidades do departamento de eventos. “Neste caso, os gatekeepers referem-se à nossa edição editorial no Brasil, frente ao envio dos sinais de cada modalidade pela OBS. E aí foi uma decisão baseada em vários fatores determinantes de qual esporte seria exibido” (GIL, 2021), complementou Gil, ao explicar que cada uma das escolhas do SporTV ocorria referente ao método de exibição ao vivo ou gravado das Olimpíadas, já que muitas transmissões ocorriam simultaneamente.

Este conflito de horários fez com que as modalidades que tivessem brasileiros competindo se tornassem prioridades. Fator este que acarretou, igualmente, na necessidade de alguns repórteres cobrirem outros esportes que não os estivessem pré-estabelecidos em suas respectivas grades já que, em algumas modalidades, não haviam mais membros do Time Brasil brigando pelo pódio. Entretanto, caso houvesse algum desportista brasileiro que avançasse para outra fase da competição, as atenções jornalísticas se direcionavam mais a estas personalidades, com grandes produções para a emissora.

Não havia uma exigência em termos de quantidade de VTs ou entradas ao vivo. Ela variava de acordo com muitos fatores. Se um atleta brasileiro estava na disputa por medalhas, naturalmente o interesse crescia e a quantidade de entradas ao vivo e VTs era maior. (GIL, 2021)

Gil salienta que, embora tivessem dias com muitas pautas, desde a participação ao vivo nas transmissões à gravação de VTs e boletins, também houve dias menos movimentados: “Nunca tivemos uma determinação numérica de ter que entregar “x” reportagens ou entradas ao vivo, apenas uma estimativa para fins de organização interna” (GIL, 2021). O correspondente cita como exemplo o dia em que a Rebeca Andrade conquistou as medalhas de prata e ouro na ginástica. De acordo com ele, foi uma oportunidade para elaborar mais conteúdo do que no dia em que foi cobrir a escalada esportiva, sem brasileiros, apenas para contar como os esportes estreantes estavam sendo recebidos pelos atletas e público. “Essa era uma reportagem mais específica. No caso da

Rebeca o resultado impôs um aumento natural de pedidos e demandas, o que fazia com que o tempo e a duração das entrevistas variasse de acordo com os resultados” (GIL, 2021), acrescentou o correspondente.

Foi comum de se observar, ao longo de transmissões televisivas olímpicas do SporTV, os encargos de reportagem atribuídos a alguns enviados. Essas funções proporcionaram, além da versatilidade comunicativa entre os profissionais, a qualidade nas informações levantadas pelos repórteres que atuaram *in loco* no decorrer de algumas competições. O entrosamento entre narradores de equipes de transmissão do Brasil, com os comunicadores presentes em Tóquio, foi algo que chamou a atenção, relacionado ao aprofundamento informativo acerca de cada detalhe. Exemplo disso também foi no SporTV News, quando a conectividade entre a apresentadora Mariana Fontes, e o flecheiro Medeiros, dava aula de descontração e profissionalismo, durante cada entrada ao vivo no evento. No decorrer de cada boletim repassado ao vivo no programa, uma série de VTs gravados pelos repórteres intercalava a fala do flecheiro, de forma a aprofundar informações acerca do assunto pautado.

Próximo do fim da edição 2021 dos Jogos Olímpicos, algumas curiosidades chamaram atenção relacionadas aos bastidores da cobertura. Entre elas, o método com que a transmissão das entradas ao vivo era encaminhada em tempo real para o Brasil. O registro feito por Coelho, antes de uma entrada após jogo de vôlei da seleção brasileira na Ariake Arena, exibiu as funções entre um receptor e um transmissor alocados na mochila do cinegrafista. Interações como estas aproximaram o contato dos jornalistas com seus seguidores em suas mídias sociais.

Já na pós-cobertura, a grade de programação foi estabelecida de outra maneira. Programas como SporTV News e Redação SporTV voltaram a sua normalidade, com conteúdos mais direcionados ao futebol brasileiro, embora algumas matérias e entradas ao vivo seguissem sendo reproduzidas do Japão. Com análise nos dias 9 e 10 de agosto, após o encerramento das Olimpíadas, Medeiros foi um dos únicos enviados que permaneceu em Tóquio, realizando entradas ao vivo no SporTV. Por outro lado, Diego, Alves, Coelho e Trindade, já repercutiam o retorno ao Brasil dentro dos aeroportos, em suas contas no Instagram. De acordo com Gil, para os enviados saírem de Tóquio, foi preciso apresentar o

exame do PCR, negativo, com material colhido até 72h antes do voo, diferentemente do seu caso que, pelo fato de ser residente, bastou deixar de preencher o aplicativo OCHA.

Após o término da edição 2021, Gil classifica esta edição dos Jogos Olímpicos, como esperança para 2024, em Paris, ao fazer referência para os desafios e concretização final do evento desportivo. Ele aponta que um dos fatores que mais descaracterizou esta edição foi a falta de público, que segundo ele é o que “proporciona o ambiente”, o qual ganha papel fundamental na construção dos VTs: “Não ter público afeta diretamente as produções, em razão de um VT de televisão ser fruto do ambiente. TV não é só texto, é imagem, é som, é movimento e sensação” (GIL, 2021).

O correspondente revela também ter sentido os atletas mais dispostos a falar em momentos de entrevista. Para ele, o motivo pode estar relacionado à falta do público e pelo fato dos enviados terem sido o único canal direto com as famílias e amigos dos atletas, em um universo de tantas privações e controles rígidos. “Pode parecer um paradoxo, mas foram jogos humanizados mesmo com menos gente envolvida. Aquele momento atleta e repórter, logo depois da competição, virou algo mais íntimo talvez. Isso foi diferente e interessante”, enfatiza Gil (2021).

Todavia, ao abordar-se as limitações presentes em âmbito profissional, por conta da pandemia, esta edição propiciou novas experiências presentes na rotina dos jornalistas envolvidos. Gil considera a falta das 'matérias de comportamento', como a diferença entre esta edição das Olimpíadas e outros eventos esportivos internacionais.

É possível que nunca mais - ou que demore muito - para termos edições de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos disputados com tantas restrições e características específicas como foram esses. Isso já torna a cobertura histórica. Ficamos muito limitados aos eventos em si, já que as restrições de circulação pelo Japão não permitiram o que chamamos de “matérias de comportamento”, ou seja, reportagens que usam os Jogos como pano de fundo, mas trazendo aspectos culturais e curiosidades do Japão. (GIL, 2021)

As celebrações entre atletas e membros das equipes, mesmo sob protocolos, é reflexo, para Gil, de que a preocupação de todos com o vírus foi tão grande em todos os ambientes, que a hora da competição parecia proporcionar algo libertador: “Naqueles instantes o foco era o desempenho, o resultado, eram horas, ou minutos, ou segundos, em que não se falava ou pensava em pandemia” (GIL, 2021). O jornalista realça que foram momentos únicos para todas as pessoas se permitirem sentir outras emoções, como alegria, decepção, nervosismo e

de torcida, mas que, em específico, soou mais especial aos desportistas, que independente de estar sobre o pódio, prestaram reconhecimento à pandemia, às dificuldades, ao sofrimento, ao dedicarem as medalhas e participação às vítimas e parentes das vítimas. “Foram entrevistas e declarações muito lúcidas da grande maioria. Seja de atletas adolescentes ou mais experientes. Deram razão e sentido à realização do evento”, finalizou Gil (2021).

5.2 BandSports

A BandSports, por outro lado, apresentou algumas distinções em relação ao SporTV. Durante a pré-cobertura, do dia 8 a 19 de julho, a equipe contou com apenas alguns de seus jornalistas enviados a Tóquio. Entre os nomes selecionados para fazerem a cobertura local, Kansler foi um dos primeiros a partir rumo ao oriente, dias antes da chegada das delegações.

Em sua trajetória profissional, Kansler já teve passagem como jornalista esportivo no Diário ‘O Lance’, além de ter sido editor de texto na ESPN Brasil. Hoje é repórter na BandSports, onde pôde cobrir Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Roland Garros, Libertadores, Sul Americana e Copa do Mundo de Ski. Com vasta experiência na esfera esportiva, o jornalista não pôde partir à Tóquio com alguns dias de antecedência, em razão de um comunicado do Comitê Olímpico do Brasil (COB). “O COB determinou que não teríamos como ir antes para fazer as matérias de preparação, em razão da pandemia. Então eles nos arquitetaram entrevistas virtuais para abastecermos a mídia da emissora no Brasil” (KANSLER, 2021), relatou Kansler. Contudo, dias depois, enquanto o enviado partia rumo ao Japão, Kozlowski e Júnior permaneceram com as apresentações da grade de programação da BandSports, ainda no Brasil.

A emissora levou consigo um número inferior de comunicadores a Tóquio, em relação ao SporTV, ao ter optado por diversificar os encargos de cobertura aos seus jornalistas, que durante todo o tempo trabalharam de modo versátil com entradas ao vivo e produção de VTs. “Fomos com quatro repórteres, dois produtores, um narrador e parte operacional da engenharia que já morava em Tóquio” (KANSLER, 2021), explicou Kansler, ao citar quais profissionais foram encaminhados para a cobertura no Japão. Do mesmo modo, ele frisa que a vacinação contra a Covid não foi considerada um requisito para viajar. De acordo com ele, o governo japonês optou por não exigí-la frente aos atuais níveis de imunização: “No fim, o

COB nos garantiu as dosagens da vacina. Para cada dose aplicada em um de nós, uma foi doada para o SUS” (KANSLER, 2021).

No período de pré-cobertura, a emissora optou, igualmente, por apresentar a rotina de programas destinados aos Jogos Olímpicos. Embora a margem de novos quadros fosse toda agregada em um único canal, a grade de programação foi estabelecida entre telejornais e quadros exclusivos para falar do assunto. Além de Kansler, os jornalistas Capatto e Rosemberg também foram enviados a Tóquio, encarregando-se de fazer entradas ao vivo e reportagens para sessões: Bom dia Tóquio, BandSports News, De Olho em Tóquio, Maratona BandSports e Boa Noite Tóquio.

Conforme as equipes de cobertura da BandSports chegavam ao Japão, os protocolos de segurança mantiveram-se padrões com todos profissionais. Segundo registros instantâneos feitos por Kozlowski em sua rede social, ela permaneceu dentro do aeroporto esperando o resultado do exame de Covid em uma sala com outros profissionais da comunicação, das 11h às 15h, momento em deslocou-se para o check-in no hotel. Kansler conta que desde a preparação para ida rumo à Tóquio, os regramentos foram bem exigentes. Segundo ele, a equipe de produção assumiu toda a preparação para a viagem, como cadastros, testes de Covid e documentos que precisavam ser aprovados para a autorização da viagem.

Ao longo dos 14 primeiros dias no Japão, ficamos em um hotel determinado pelo governo japonês e só poderíamos sair para as arenas olímpicas e centro de imprensa, desde que usássemos os táxis credenciados ou transporte particular. Não podíamos usar táxis comuns ou transportes públicos. Só podíamos sair durante 15 minutos para comprar comida em algumas lojas de conveniência ou mercadinhos próximos ao nosso hotel. Tínhamos que fazer tudo nesse tempo, além dos nossos testes de saliva, nos três primeiros dias. (KANSLER, 2021)

De acordo com o enviado, após as primeiras 72 horas em solo japonês, cada profissional teve um intervalo de três a quatro dias para preencher um cronograma e deixar um novo pote com o teste de saliva nas instalações do hotel. “A delegação e imprensa do Brasil passaram ilesas, não houve casos do Brasil até o final dos Jogos”, esclareceu Kansler (2021).

Júnior e Kozlowski foram os últimos a chegarem em Tóquio. Além das entradas ao vivo com boletins, Júnior assumiu a frente da apresentação de quadros ao vivo junto do narrador, Álvaro José, com debates ao vivo sobre Olimpíadas, em pequenos “estúdios” improvisados dentro do quarto de hotel ou em frente às arenas. Junto de Kozlowski, ele

também protagonizou o quadro Show do Esporte. A comunicadora, por outro lado, repercutiu nacionalmente com seu método inovador de cobertura. Desde a saída do Brasil, Kozlowski utilizou de sua rede social para mostrar cada segundo, desde bastidores no quarto de hotel até os momentos de interação e entrevistas com a delegação do Time Brasil. Os conteúdos digitais produzidos por ela registraram momentos oportunizados pelos acessos dados pelo COB até o final da edição olímpica. A comunicadora participou de perto dos treinos do ‘Time Brasil’, onde mostrava tudo que ocorria com atletas do vôlei de praia, ginástica, vôlei de quadra, surf, boxe e outras modalidades. Neste meio tempo, a interação da comunicadora rendeu além do divertimento e descontração com os desportistas, bastidores de preparação física, fisioterapia, treinos e entrevistas exclusivas dentro das bases, com atletas e membros da delegação ligados a fisioterapia e preparação física.

A iniciativa resultou no quadro ‘Mundo Glenda’, originado pela ex-atleta de *bodyboard* e dividido em episódios no IGTV do Instagram. Ademais, ele ganhou, igualmente, um espaço na programação da emissora, com o quadro ‘De Olho em Tóquio’, destinado a reproduzir os conteúdos registrados pela comunicadora, mas em âmbito televisivo. Até o final dos Jogos, Kozlowski foi o grande nome do jornalismo digital, dedicada exclusivamente às redes sociais.

Logo após a cerimônia de abertura do Jogos, os protocolos de saúde foram seguidos à risca, principalmente quando as entrevistas em zonas mistas começaram.

No decorrer das entrevistas, tínhamos que ficar dois metros de distância dos atletas, com duas grades na frente, além de providenciar um pedestal para o microfone do entrevistado. A OBS (empresa responsável pela mídia) reduziu o número de espaços das zonas mistas nas olimpíadas. Geralmente tínhamos como agendar a nossa ida em uma instalação para um evento de alta demanda, onde há muita procura por entrevistas. Neste caso, tivemos que agendar as nossas idas às arenas diariamente, para a OBS ter um controle maior do fluxo da imprensa. (KANSLER, 2021)

O enviado ressalta as oportunidades cedidas pelo COB como fundamentais para a produção de conteúdo dentro da base do Time Brasil: “Houve um determinado dia em que eles abriram a sede para conhecermos a base de Yota e a delegação brasileira. Lá fizemos um PCR e depois uma agenda rápida no período da tarde para acompanhar os treinos da região” (KANSLER, 2021). Por mais que os produtos audiovisuais relacionados à delegação do Brasil fossem mostrados em massa televisivamente pela BandSports, Kozlowski conseguiu levar com exclusividade ao Instagram inúmeras curiosidades locais do Time Brasil, como foi o caso

de toda logística de distribuição das 40 mil peças de roupa, em 400 malas distribuídas para cada um dos atletas. Foram princípios muito bem explorados em um nicho de caráter instantâneo, como a rede social.

Sobre as escolhas de pautas, Kansler conta que, junto de sua equipe, arquitetou desde o princípio a definição de quais seriam os assuntos abordados, mesmo sem nada ter sido pré-estruturado pela produção da emissora. Segundo o jornalista, todo o processo referente ao *gatekeeping*, com boletins e entradas ao vivo, partiam da factualidade, coordenada pelos editores chefes da BandSports.

Minha equipe era composta por mim, um cinegrafista, Anderson Gomes, e um produtor, Rafael Santana. Como nós fomos doze dias antes do restante da equipe, tivemos ideias de pautas, o que mostrar e produzir, mesmo com as nossas restrições. Não havia nenhum roteiro, o que posteriormente se tornou uma cobertura factual, dividindo equipes para não perder nenhum detalhe. (KANSLER, 2021)

As coberturas da BandSports utilizaram bastante da criatividade. Diferentemente do SporTV, além da série de VTs, das entradas ao vivo e do uso das mídias sociais, Júnior e Kozlowski realizavam entradas ao vivo na madrugada de Tóquio, em localidades distintas para fazer o ‘Show do Esporte’, quadro que é apresentado por ambos no Brasil. Do mesmo modo que a programação do canal era mantida, os comunicadores trabalhavam com pautas quentes sobre o desempenho do Time Brasil a cada semana olímpica.

As entradas ao vivo foram realizadas sequencialmente em inúmeras oportunidades. Enquanto a dupla de apresentadores encarregou-se dos programas de debate ao vivo, Kansler, Capatto e Rosembergue assumiram os VTs e boletins. “Já fazíamos várias entradas em quase todos os horários na Band, BandNews, BandSports, BandNews TV, BandNews FM e Rádio Bandeirantes. Conforme os dias passavam no decorrer dos Jogos, a procura e solicitação dos programas por novos conteúdos cresciam igualmente” (KANSLER, 2021), relatou Kansler. Relacionado às pautas, o enviado relata também que as localizações para as gravações mudavam conforme os horários, principalmente em dias de restrição.

Gravamos durante o dia nas arenas, e à noite, no quarto do hotel via celular. O BandSports tinha os direitos de transmissão, a Band não, o que implicava que, para o BandSports podíamos gravar dentro das arenas, já para a Band ficávamos na cidade ou dentro de uma arena, mas com a imagem apontada para o lado de fora do estádio. (KANSLER, 2021)

Outro fator curioso é que a BandSports foi a emissora que, com exclusividade, transmitiu diferentes modalidades ao vivo com as narrações de Álvaro José, de dentro das arenas olímpicas. O registro dos bastidores das narrações também foram realizados, a ponto de levar o espectador para dentro da cabine de transmissão, junto do narrador brasileiro e para perto do público.

Características como estas mostram, sobretudo, a superação de cada profissional no oriente, mediante todas as limitações e desafios emplacados pela pandemia do Covid-19. Por meio do que foi entregue após cada produção, tanto pela televisão, como pelo celular, observou-se a apuração de toda factualidade presente em Tóquio, com uma grande instantaneidade de informações.

O maior desafio foi trabalhar em meio a uma pandemia, atravessar o planeta com surto de Covid-19, mesmo vacinado. Chegamos em Tóquio sabendo que os Jogos iriam acontecer, mas com temor de serem cancelados se os casos aumentassem. Por outro lado, foi uma experiência incrível, pelo reencontro dos povos, pessoas de todo mundo se reunindo para o maior evento esportivo do planeta. Olimpíada para mim é a coisa mais importante dentro do esporte, pessoas de diferentes cantos do mundo reunidas para uma grande festa. Sempre voltamos diferentes de um evento como esse. (KANSLER, 2021)

O enviado reitera que o Japão contabilizava, até o começo das Olimpíadas, 500 novos casos diários em média de Covid-19. Após o cancelamento da presença de público local nas arenas, o total chegava a 900 casos por dia. Após o retorno das delegações e jornalistas para o Brasil, os números batiam na casa dos 5 mil novos casos diários no Japão. Mostrou-se até o fim, uma conquista para todos que puderam participar do maior evento desportivo do mundo, assim como um aprendizado frente um novo estilo de “fazer jornalismo”, em meio à uma série de limitações.

Kansler demonstra o sentimento de gratificação pela oportunidade de cobertura, principalmente pelas adversidades apresentadas desde o começo a cada um dos profissionais presentes em Tóquio. “Foram 40 dias em uma cultura distinta, onde pude acompanhar várias histórias de pessoas, atletas, conquistas e superações, algo incrível” (KANSLER, 2021), completou o jornalista.

5.3 Similaridades e Diferenças

Em meio aos dois estilos de cobertura, evidenciou-se que tanto o SporTV, como o BandSports trabalharam com a antecipação de conteúdos relacionados às suas programações na televisão. O surgimento de novos quadros, o vínculo de ex-atletas em ambas televisões, bem como os nomes dos enviados que iriam para Tóquio, já eram conhecidos desde semanas antes da pré-cobertura começar.

Outras similaridades apontadas em ambas rotinas televisivas foram os estilos de notícias divulgados, ao levar em consideração a factualidade para os Jogos Olímpicos. Dificilmente alguma informação emitida em VT ou boletim de uma emissora era ignorada pela concorrente.

Por outro lado, as distinções entre os dois veículos de comunicação puderam ser encontradas em alguns pontos. O primeiro deles foi no número de enviados especiais que cada canal teve. Enquanto o SporTV estendeu a margem de trabalho com 16 jornalistas, sendo 12 repórteres e quatro flecheiros, o BandSports manteve em sua equipe cinco enviados, sendo três jornalistas assumindo as entradas ao vivo e as reportagens, simultaneamente, enquanto outros dois estiveram à frente da realização de programas ao vivo na capital japonesa. A apresentação do ‘Show do Esporte’, pertencente à grade de programação da emissora, foi apresentada por Júnior e Kozlowski. Ambos deram seguimento às transmissões, por meio de entradas ao vivo no final de cada dia.

	SporTV	BandSports
Nº de enviados	16 jornalistas enviados (12 repórteres e 4 flecheiros)	5 jornalistas enviados (3 profissionais encarregados das reportagens e entradas ao vivo, e 2 para seguirem com a grade de programação da emissora)
Transmissões dos Jogos	Sem acesso às cabines das arenas – transmissões realizadas no Brasil	Transmissões realizadas <i>in loco</i> , nas cabines de cada arena
Estilo de Cobertura	Cobertura televisiva, com amplo número de produções (VTs e entradas ao vivo), com cada um dos enviados	Cobertura televisiva, com um menor número de VTs e entradas ao vivo; Cobertura para mídias sociais

Além desta peculiaridade, o Bandsports destacou-se por outras características. Uma delas foi o acesso às cabines de transmissão nas arenas olímpicas, para narração e comentários *in loco*. Enquanto o canal optou por contar com Álvaro José para tal encargo, o SporTV manteve seus narradores nos estúdios brasileiros. Embora este grupo seletivo de profissionais tenha permanecido no Brasil, o vasto número de jornalistas enviados pelo SporTV possibilitou uma quantidade numerosa de notícias diárias. Por mais que tenham sido o primeiro grupo de enviados brasileiros a chegarem no Japão, os comunicadores do canal global aproveitaram de sua boa estrutura jornalística, em termos de amplitude, para cobrir um maior número de pautas esportivas, após estarem encarregados de acompanhar algumas modalidades em específico. Contudo, em razão de estarem em menor número, cada jornalista do BandSports abraçou uma maior quantidade de nichos esportivos. Por fim, pôde-se perceber a grande quantidade de materiais que o SporTV encaminhou ao ar diariamente, em comparação ao BandSports.

Outro ponto que não se deve deixar de citar é a atuação jornalística em meio digital, encontrada nos perfis de Instagram de Coelho, Alves e Kozlowski. Embora outros comunicadores tenham utilizado suas redes a caráter informativo, o maior número de registros foi associado a estas três personalidades. De um lado, Alves e Coelho pelo SporTV, além de compartilharem questões relacionadas à bastidores de gravação, curiosidades culturais e momentos de descontração com suas equipes de reportagem em seus stories, a interação com o público por meio da ferramenta ‘caixa de perguntas’ do Instagram aproximou seus seguidores por meio de dúvidas sobre a cobertura das Olimpíadas. Do outro, Kozlowski foi a grande protagonista das mídias digitais. Desde a pré-cobertura, a ex-atleta e campeã mundial de *bodyboard* já registrava no seu Instagram a viagem rumo à Tóquio, informações relacionadas aos protocolos de saúde, dados culturais japoneses, idas aos centros de imprensa, hotéis e arenas olímpicas. Mas, o que de fato distinguiu sua cobertura das demais foi o aprofundamento e o resultado de cada produção.

Ao tornar-se integrante do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), ela assumiu junto de sua rede social o Instagram da entidade, com o objetivo de levantar dados relacionados ao ‘Time Brasil’. A partir desta parceria, a comunicadora teve acesso exclusivo aos treinamentos, refeições e outros bastidores das delegações brasileiras, o que a viabilizou acompanhar de perto os treinos das modalidades do vôlei de praia, ginástica, vôlei de quadra, surf e boxe. Durante estes momentos, ela garantiu, além de furos, entrevistas e bate-papos com atletas,

técnicos, fisioterapeutas e massagistas do Time Brasil. Toda essa produção acarretou no surgimento do quadro ‘Mundo Glenda’, dividido em episódios no IGTV da ex-atleta. Porém, as apresentações da comunicadora não permaneceram só em rede social, ao ganharem também um espaço na grade do BandSports, com o programa ‘De Olho em Tóquio’.

Ainda em ambiente web, mas não menos importante, os websites particulares de cada emissora também foram locomotiva de informações no decorrer das Olimpíadas. Neste caso, o Globo Esporte, vinculado ao SporTV, na internet, elaborou uma grande quantidade de notícias diárias sobre os jogos, fossem pautas quentes ou frias. Já o BandSports direcionou mais sua produção jornalística para eventualidades factuais em âmbito olímpico, no seu site.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o princípio, imaginou-se produzir um estudo de caso que pudesse discorrer detalhadamente sobre os Jogos Olímpicos de Tóquio. Observações que partissem da atuação jornalística, até o estilo de informações destacadas em cada entrevista, matérias e debates televisivos. E não foi à toa que o caderno de campo, por meio do qual pôde-se compreender a dinâmica dos produtos jornalísticos que estavam circulando, contabilizou mais de 65 páginas de observação, entre o dia 8 de julho, na pré-cobertura, até o dia 10 de agosto, em um período pós. Para além das perspectivas de coleta de informação por meio do registro diário de dados, via televisão, websites e redes sociais, o contato direto com grande parte dos jornalistas locais foi considerado uma grande aposta desde os primeiros dias, por intermédio da realização de entrevistas semi-estruturadas e estruturadas. Contudo, não foi o caso. Até o final do projeto, apenas dois jornalistas foram entrevistados, embora outros tenham se disponibilizado e aceitado responderem as perguntas. Diante das ocasiões em que obtiveram-se respostas, Carlos Gil foi entrevistado via e-mail e Kansler via chat do Instagram.

Por meio destas alterações que o projeto foi passando ao longo dos dias, percebeu-se que um dos objetivos específicos não seria mais o mesmo, atribuindo como nova perspectiva, a ‘análise do trabalho profissional em meio à pandemia da Covid-19’, frente ao impacto inimaginável causado pelo vírus, sob todo o desempenho e organização para o trabalho da imprensa e delegações presentes.

Após chegar ao desfecho da avaliação do objeto de estudo, compreende-se que os objetivos específicos pautados foram alcançados por meio das informações registradas durante os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021. Para entender o modo de inserção dos jornalistas entrevistados no setor internacional de esportes, utilizou-se dos dados profissionais de cada um, encontrados em suas redes de LinkedIn e em notícias veiculadas pelos próprios portais das emissoras televisivas na internet.

O segundo objetivo específico, referente aos encargos de cada comunicador, foi assimilado a partir dos contatos remotos promovidos com ambos. Neles, puderam ser esclarecidas questões voltadas às rotinas de produção, protocolos de saúde, aplicação do *gatekeeping*, reportagens, entradas ao vivo e entrevistas com atletas. Tanto Kansler, como Gil esclareceram detalhadamente o que caracterizava suas logística particulares de trabalho, quando questionados sobre as elaborações de VTs e boletins ao vivo.

Por fim, o último objetivo específico foi alcançado ao chegar-se à compreensão de que a pandemia modificou o método de trabalho dos enviados, desde a coleta de informações no *gatekeeping*, até a livre circulação em Tóquio. A resposta foi encontrada por meio do mapeamento dos Jogos Olímpicos, onde foi registrada um pouco da realidade do dia a dia de cada repórter no Japão, com diferentes noções sobre as limitações impostas pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

As análises pautadas possibilitam a conclusão de que as respostas para cada um dos objetivos específicos foram encontradas no exercício profissional de jornalistas esportivos na cobertura de um evento em âmbito internacional a partir dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Embasamento este que leva à resposta do problema de pesquisa: ‘como os profissionais do jornalismo esportivo de ambas emissoras desenvolveram suas atividades durante a Olimpíada de Tóquio?’, a qual é formulada com parte do material mapeado no caderno de campo, mas, principalmente, nas entrevistas estruturada e semi-estruturada, realizadas com a finalidade de chegar ao entendimento detalhado de como ocorreram cada uma das produções.

Vale ressaltar, também, a vasta pesquisa levantada no referencial teórico, com contextualizações que partem desde o surgimento da editoria de esportes na imprensa brasileira, até uma descrição aprofundada no setor de correspondentes internacionais, ao apresentar a trajetória de inúmeros jornalistas que trabalham no exterior. Os registros são um compilado de informações que possibilitam futuras pesquisas para o campo da comunicação.

A conclusão do projeto auxiliou no entendimento pessoal do autor, frente a uma noção de como ocorrem as tarefas jornalísticas diárias em uma competição de grande magnitude mundial, a qual reúne milhares de pessoas do mundo inteiro. O fator diferencial que proporcionou outra perspectiva, quando em comparação com eventos passados, foi o caso da pandemia da Covid-19. Ponto este que reforça a necessidade do grau de preparo e improvisação acerca dos métodos de trabalho, junto a situações inimagináveis de uma rotina jornalística. Isso porque, os trabalhos devem seguir sendo executados, independentemente das circunstâncias em que o comunicador se encontre.

Outro ponto que elucidou de maneira reforçada as concepções do autor, é de que há sim como realizar uma cobertura de esportes bem apurada e com inúmeros furos jornalísticos, apenas usando as mídias sociais. O método que possibilitou uma imersão do público consumidor de notícias por meio digital, utilizado por Kozlowski, mostrou o engajamento, fidelidade e repercussão das mesmas informações veiculadas em rádio e tv, na rede social, a

qual ganha com a instantaneidade e ferramentas de acesso, que permitem deixar as pessoas em contato direto com o jornalista.

Por fim, desenvolver este Trabalho Final de Graduação trouxe ao pesquisador mais conhecimento sobre o campo de atuação jornalística esportiva e internacional, ambos setores identificados como preferências pessoais do autor. Da mesma maneira, pretende-se por meio da pesquisa, disponibilizar fatos e noções sobre a atuação profissional em meio à pandemia de Covid-19, além de possibilitar a partir do referencial teórico, dados para pesquisa e consulta sobre o ingresso e a vivência de correspondentes internacionais esportivos contemporâneos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFP. **Substituições, cartões, VAR: seis décadas de regras que impactaram o futebol.**

Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2020/05/substituicoes-cartoes-var-seis-decadas-de-regras-que-impactaram-o-futebol-ck9vt9yj901oz01ql0v87a8ep.html>>. Acesso em: 16 jun, 2021.

AGNEZ, Luciane. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais.** 2014. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Distrito Federal.

AGNEZ, Luciane; MOURA, Dione. **Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros.** Revista Famecos. Porto Alegre, v. 22, n. 3, julho, agosto e setembro de 2015.

BARBOSA, Leonardo; ANDRADE, Igor; RODRIGUES, Luis Felipe. **Sem Fronteiras: o trabalho dos correspondentes no exterior.** Projeto Profissional (Graduação) Universidade de Taubaté, Departamento de Comunicação Social, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/feliperodrigues69/docs/livro_sem_fronteiras_digital>. Acesso em: 10 mai. 2021.

ARTEBLITZ. **Rodrigo Carvalho: o correspondente internacional que nos aproxima da notícia.** Disponível em:

<<https://www.artebloit.com/televisao/rodrigo-carvalho-o-correspondente-internacional-que-no-s-aproxima-da-noticia>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

ÁVILA, Carina. **Carina Ávila - Uma mulher na terra do gelo: conhecendo uma nova cultura por meio do futebol.** Curso Correspondente internacional: tudo o que você precisa saber sobre a profissão. Curso sobre jornalismo internacional. 20 mar. 2021. THE360.

ÁVILA, Carina. **Jornalismo Internacional: os desafios de uma correspondente esportiva** [abr. 2021]. Entrevistador: Gianmarco Soares de Vargas. Santa Maria. Entrevista ao vivo no Instagram @gsdvargas, pertencente a um projeto pessoal de Gianmarco Soares de Vargas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CNV-mgGI4Yn/>>.

BARBOSA, Rafael. **TNT Sports é lançada para substituir marca Esporte Interativo; EI Plus vira estádio.** Disponível em:

<<https://www.tudocelular.com/novos-produtos/noticias/n169132/tnt-sports-lancada-substituicao-esporte-interativo.html>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BELÉM, Euler. **Carlos Gil é o novo correspondente da Globo no Japão. Substitui Márcio Gomes.** Disponível em:

<<https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/carlos-gil-e-o-novo-correspondente-da-globo-no-japao-substitui-marcio-gomes-115615/>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BUFALO, Antonio; BUNDE, Mateus. **7 Correspondentes do Esporte Interativo na Europa**. Disponível em:

<<https://br.blastingnews.com/curiosidades/2019/04/7-correspondentes-do-esporte-interativo-na-europa-002888277.html>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

CARNEIRO, Leandro. **Carlos Gil relembra começo da covid na Ásia e vive expectativa de Olimpíada**. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/25/homem-da-globo-em-toquio-carlos-gil-vive-angustia-no-exterior-em-pandemia.htm>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

CARVALHO, Sérgio et all. **Revista Comunicação, Movimento e Mídia na Educação**. 3ª ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2000.

CASTRO, Renata. **Jornalismo Internacional: a mudança na editora Inter nos últimos 50 anos**. 2006. 107 pag. Tese (graduação em jornalismo) - Bacharelado em Comunicação Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

COLABORA. **Vinicius Assis**. Disponível em:

<<https://projetocolabora.com.br/author/vinicius-assis/>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

COMUNICAÇÃO NBA BRASIL. **‘NBA Talks’ vai reunir Rômulo Mendonça, José Renato Ambrósio e Eduardo Barão em painel sobre cobertura de Finals na ‘NBA House Digital 2021’, apresentada por Budweiser**. Disponível em:

<<https://mperio.com/2021/06/17/nba-talks-vai-reunir-romulo-mendonca-jose-renato-ambrosio-e-eduardo-barao-em-painel-sobre-cobertura-de-finals-na-nba-house-digital-2021-apresentada-por-budweiser/>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

CONTADO, Valeria. **BandSports anuncia planos para os Jogos Olímpicos**. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/05/12/bandsports-anuncia-planos-para-os-jogos-olimpicos.html>. Acesso em: 1 jun, 2021.

DINIZ, Lucas. **ESPN anuncia novo correspondente na Europa**. Disponível em:

<<https://espnpressroom.com/brazil/press-releases/2018/04/espn-anuncia-novo-correspondente-na-europa/>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª edição. Curitiba - PR: Atlas, 2009.

FRANCESCHINI, Manuela. **“O que de pior já me aconteceu se transformou no melhor de mim”**. Disponível em:

<<https://www.projeto draft.com/o-que-de-pior-ja-me-aconteceu-se-transformou-no-melhor-de-mim/>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GIL, Carlos. **Entrevista sobre a atuação jornalística durante os Jogos Olímpicos de Tóquio** [set. 2021]. Entrevistador: Gianmarco Soares de Vargas. Santa Maria. Entrevista concedida ao Trabalho Final de Graduação, em Jornalismo, de Gianmarco de Vargas.

GIL, Felipe. **O mundo de Guga Chacra**. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-jornalista-guga-chacra-fala-sobre-orientes-medio-conservadorismo-no-brasil-trump-e-vida-pessoal>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

GLOBO LIVROS. **Rodrigo Carvalho**. Disponível em: <<http://globolivros.globo.com/autores/rodrigo-carvalho>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

GUIMARÃES, Thiago. **Biografia do Correspondente Ariel Palácios**. Disponível em: <<http://www.agenciaesamcsantos.com.br/textos/textos-praticas/421-biografia-do-correspondente-ariel-palacios>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

IZQUIERDO, Puntero. **Não sou o Di Marzio, mas sou o Marcelo Bechler**. Disponível em: <<https://medium.com/puntero-izquierdo/não-sou-o-di-marzio-mas-sou-o-marcelo-bechler-cd2721a525a7>>. Acesso em: 17 mai, 2021.

JÚNIOR, Marcos. **Rádio Bandeirantes: Eduardo Barão fala sobre a cobertura da cadeia verde e amarela na Copa**. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/radio-bandeirantes-eduardo-barao-fala-sobre-a-cobertura-da-cadeia-verde-e-amarela-na-copa>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

KANSLER, Thiago. **Entrevista sobre a atuação jornalística durante os Jogos Olímpicos de Tóquio** [set. 2021]. Entrevistador: Gianmarco Soares de Vargas. Santa Maria. Entrevista concedida ao Trabalho Final de Graduação, em Jornalismo, de Gianmarco de Vargas.

KATO, Vitor; SOUZA, Sidnei; ORTEGA, João. **Correspondente internacional aos 31 anos, Daniel Gouveia é o repórter do futebol moderno**. Disponível em: <<http://www.usp.br/esportivo/index.php/2015/11/17/correspondente-internacional-aos-31-anos-daniel-gouveia-e-o-reporter-do-futebol-moderno/>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

LANCE!. **Após 27 anos, Mariana Becker deixa a Globo e assina com a Band**. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/mariana-becker-reconhece-maior-espaco-dado-for-mula-pela-band-sinto-mais-solta.html>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

LOPES, Patricia. **Patrícia Lopes - Missão Qatar 2022: Os olhos e ouvidos conectados no local da próxima copa**. Curso Correspondente internacional: tudo o que você precisa saber sobre a profissão. Curso sobre jornalismo internacional. 20 mar. 2021. THE360.

MEMÓRIA GLOBO. **Alexandre Garcia**. Disponível em:
<<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alexandre-garcia/perfil-completo/>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **Pedro Bial**. Disponível em:
<<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/pedro-bial/>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

MEMÓRIA GLOBO. **TINO MARCOS**. Disponível em:
<<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/tino-marcos/perfil-completo/>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

MENDONÇA, Renata. **Num dia servindo café, no outro em Barça x Real: a virada de Natalie Gedra**. Disponível em:
<<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/02/03/da-copinha-a-europa-ela-quis-sair-do-jornalismo-e-acabou-na-premier-league/>>. Acesso em: 20 mai, 2021.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MIRAPALHETA, Rafael. **Falando sobre jornalismo com Manuela Franceschini**. Disponível em:
<<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/falando-sobre-jornalismo-com-manuela-franceschini/>>. Acesso em 22 jun, 2021.

NATALI, João Batista, **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2007.

NEGREIROS, Adriana. **Fora do Grid**. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/nossa/reportagens-especiais/mariana-becker-conta-aventuras-de-via-gem-e-gafes-eroticas-dignas-de-podio/#cover>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

NÚRIA SALDANHA. **Núria Saldanha**. Disponível em:
<<https://nuriasaldanha.wordpress.com>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

ODORISSI, Denise. **Conexão Brasil-Inglaterra: coberturas internacionais na Terra da Rainha** [out. 2021]. Entrevistador: Gianmarco Soares de Vargas. Santa Maria. Entrevista ao vivo no Instagram @gsdvargas, pertencente a um projeto pessoal de Gianmarco Soares de Vargas. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CVAwOpclP7M/>>.

QUINTINO, Larissa. **Globo corre para vender anúncios das Olimpíadas de Tóquio**, 5 mai. 2021. Disponível em:
<https://veja.abril.com.br/blog/radar-economico/globo-corre-para-vender-anuncios-das-olimpiadas-de-toquio/>. Acesso em: 30 jun, 2021.

REDAÇÃO, Band News FM. **Eduardo Barão**. Disponível em:
<https://bandnewsfm.band.uol.com.br/apresentadores_fm/eduardo-barao/>. Acesso em: 22 jun, 2021.

REDAÇÃO. **Barão da América**. Disponível em:
<<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/colunistas/barao-da-america>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

REDAÇÃO. **Correspondente da Globo no Japão fica mudo ao vivo no Bom Dia Brasil**. Disponível em:
<<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/correspondente-da-globo-no-japao-fica-sem-fala-ao-vivo-no-bom-dia-brasil-30301>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

REDAÇÃO. **Patrícia Lopes**. Disponível em:
<<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/patricia-lopes/>>. Acesso em: 10 mai, 2021.

REDAÇÃO. **TNT bate recorde histórico na Champions League**. Máquina do Esporte, 4 jun. 2019. Disponível em:
<<https://www.maquinadoesporte.com.br/artigo/com-final-2019-tnt-bate-recorde-historico-na-champions-league/>>. Acesso em: 14 jul, 2019.

REDAÇÃO DO GE. **GLOBO e SporTV reforçam time de comentaristas para Olimpíadas**. Globo Esporte, Rio de Janeiro, 24 mai. 2021. Disponível em:
<https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/globo-e-sportv-reforcam-time-de-comentaristas-para-olimpiadas.ghtml>. Acesso em: 30 jun, 2021.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RICCO, Flávio. **CNN Brasil completa quadro de correspondentes internacionais**. Disponível em:
<<https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2019/11/14/cnn-brasil-completa-quadro-de-correspondentes-internacionais.htm>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

TORRALBA, Karla. **“Minha vida mudou após Neymar”, diz repórter do Esporte Interativo em Paris**. Disponível em:
<<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2017/09/24/minha-vida-mudou-apos-neymar-diz-reporter-do-esporte-interativo-em-paris/>>. Acesso em: 15 mai, 2021.

TV pedia Brasil. **SporTV**. Disponível em:
<https://tvpediaBrasil.fandom.com/pt-br/wiki/SporTV>. Acesso em: 1 jul, 2021.

VAQUER, Gabriel. **Após 17 anos, EI chega ao fim; relembre momentos do canal que peitou Globo**. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/01/17/apos-17-anos-ei-chega-ao-fim-relembre-momentos-do-canal-que-peitou-globo.htm>>. Acesso em: 9 mai. 2021.

VAQUER, Gabriel. **Band vai ficar 24 horas ao vivo com Olimpíada na TV paga**. Disponível em:
<<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/gabriel-vaquer/2021/05/05/band-vai-ficar-24-horas-ao-vivo-com-olimpiada-na-tv-paga.htm>> Acesso em: 30 jun, 2021.

VAQUER, Gabriel. **ESPN Brasil consegue liderança pela terceira semana seguida com Premier League**. Disponível em:

<<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/espn-brasil-consegue-lideranca-pela-terceira-semana-seguida-com-premier-league>>. Acesso em 21 nov. 2021.

VAQUER, Gabriel. **Fórmula 1: Mariana Becker deixa a Globo após 27 anos na emissora**. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/gabriel-vaquer/2021/02/05/apos-desistir-da-fl-globo-nao-renova-com-mariana-becker-apos-27-anos.htm>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

VAQUER, Gabriel. **Globo define equipe da Olimpíada 50% menor e sem narradores em Tóquio**, 26 abr. 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/gabriel-vaquer/2021/04/26/globo-corta-50-da-equipe-e-deixa-narradores-fora-de-grupo-enviado-a-toquio.htm>. Acesso em: 30 jun, 2021.

VAQUER, Gabriel. **Globo muda correspondentes: Márcio Gomes deixa Japão e Carlos Gil o substitui**. Disponível em:

<<https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/globo-muda-correspondentes-marcio-gomes-deixa-japao-e-carlos-gil-o-substitui>>. Acesso em: 22 jun, 2021.

VIANA, Bruno; LIMA, Maria Érica. **Além das Fronteiras**: uma breve reflexão sobre a trajetória do jornalismo internacional. *In: INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS DA COMUNICAÇÃO: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE*, nº 14, 2012, Natal. Artigos. Recife: UFRN, 2012. p. 1-12.

WIKI TELEJORNALISMO. **Denise Odorissi**. Disponível em:

<https://telejornalismo.fandom.com/pt/wiki/Denise_Odorissi>. Acesso em: 22 jun, 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1985. Disponível em: <<https://www.inovaconsulting.com.br/wp-content/uploads/2016/09/teorias-da-comunicacao-by-mauro-wolf.pdf>>. Acesso em: 9 mai. 2021.